

Ano XIV — N.º 176

Janeiro - Fevereiro, 1946

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
E SAÚDE PÚBLICA

SUMÁRIO

REDAÇÃO: "Revista do Ensino", — Documentação fotográfica. NOTAS OFICIAIS: — Instruções do D. E. — COLABORAÇÃO: Desalento, *Mário Casasanta*. — A criança bem dotada, *Helena Antipoff* — Biblioteca infantil, alma da escola primária, *Nair Starling*. — Uma canção para cada escola, *Manuel Casasanta*. — O cruzeiro na escola primária, *Alda Lodi*. — Depoimento de um professor rural, *Tabajara Pedroso*. — As cantinas, *Oscar Artur Guimarães*. — A poesia na escola, *Eurídice Fernandes*. — A respeito de reflorestamento, *Daniel Antipoff*. — Estimulantes da leitura, *Modesta Manuela Lopes*. — TRADUÇÃO: Da diversidade dos Universos, *Eduardo Claparède*.

BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

TABELA DE ANÚNCIOS:

		Cr \$
Na capa (lado externo),	1 página . . .	200,00
" " " "	1/2 " . . .	120,00
" " " "	1/4 " . . .	70,00
" " (lado interno),	1 " . . .	160,00
" " " "	1/2 " . . .	100,00
" " " "	1/4 " . . .	60,00
Em páginas suplemento,	1 " . . .	120,00
" " " "	1/2 " . . .	80,00
" " " "	1/4 " . . .	50,00

Para publicação por 3, 6, 9 e 12 vêzes, haverá desconto de 10, 20, 30 e 40 por cento, respectivamente.

Os anúncios no corpo da Revista, em forma de artigos, pagarão preços especiais previamente combinados.

Só se aceitam anúncios que tenham interesse para o ensino ou para os professores.

ASSINATURA DA "REVISTA DO ENSINO"

	Cr \$
Anual	50,00
Semestral	25,00
Número avulso	4,00
Coleção de um ano	50,00

Os pedidos devem ser endereçados à "REVISTA DO ENSINO" — Secretaria da Educação — Belo Horizonte.

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
E SAÚDE PÚBLICA

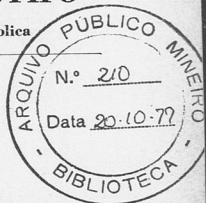
VOLUME I

1.º SEMESTRE DE 1946

BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

Revista do Ensino

Da Secretaria da Educação e Saúde Pública



“Revista do Ensino”

Por um período de tempo bem longo e bem de lamentar-se, “Revista do Ensino” deixou de circular e de levar ao professorado a sua palavra de orientação e de estímulo.

Ainda perduram, até certo ponto, os motivos que obstaram à publicação da revista do professor mineiro, e que são as conseqüências da guerra, encarecendo a mão-de-obra e privando-nos da importação de papel de imprensa. A falta de papel, — obstáculo mais sério à possibilidade de uma publicação com periodismo bem ritmado, está desaparecendo, felizmente, com o restabelecimento de intercâmbio comercial do Brasil com os Países principais produtores de papel, como o Canadá e a Finlândia.

“Revista do Ensino” volta, assim, às mãos do professorado, mãos de onde virá para estas páginas o melhor fator de brilho e de vida, de êxito e de eficiência. Das mãos do professor virá para as páginas de “Revista do Ensino” a melhor expressão de nossa experiência — na exposição do que temos feito, do que vamos experimentando e do que pretendemos realizar nesse nobre e vital setor da economia brasileira — que é o nosso aparelhamento de educação.

A alta administração do Ensino em Minas Gerais está interessada em manter com regularidade a publicação desta revista, como órgão de propaganda e divulgação das nossas

realizações e dos nosso propósitos, mas, sobretudo, como instrumento orientador do professorado no melhor sentido de conquista dos ideais da escola educativa.

Que os professores nos mandem a sua colaboração — e estas páginas estarão sempre abertas, acolhedoramente, para os bons pensamentos e as boas palavras dos semeadores de idéias e dos que constroem a nação no âmbito de nossos educandários.

Documentação fotográfica

A REVISTA DO ENSINO, na sua missão de divulgar as realizações do nosso aparelho de educação, publicará as fotografias que lhe forem remetidas pelos estabelecimentos de ensino primário, secundário e normal do Estado.

Para que essas fotografias sejam publicadas, entretanto, é preciso que preencham alguns requisitos indispensáveis, tais como: a) documentarem realizações interessantes, reveladores de aspectos interessantes da vida escolar; b) serem recentes, isto é, tiradas em épocas nunca anterior ao último ano letivo já decorrido; c) serem nítidas e perfeitas; d) trazerem, no verso, a clara indicação de sua procedência e significação.

Muitas fotografias dignas de publicação temos recebido, que têm sido inutilizadas por falta de algum desses requisitos.

As documentações fotográficas de excursões, cantinas, atividades de clubes agrícolas ou de leitura, de auditórios, de dramatizações, etc., terão preferência sobre as que fixem apenas aspectos estáticos da escola.

A remessa deve ser feita diretamente a esta redação, que se reserva o direito de rejeitar aquelas que julgue sem interesse do ponto de vista educativo.

Instruções do Departamento de Educação

(USO DA BANDEIRA NACIONAL, DO HINO NACIONAL E DAS ARMAS NACIONAIS)

Aos srs. inspetores técnicos regionais, diretores de escolas normais, grupos escolares e escolas reunidas e professores de escolas combinadas e isoladas, o Departamento de Educação forneceu as seguintes instruções, para cumprimento do disposto no Decreto-Lei Federal n. 4.546, referente à forma e à apresentação dos símbolos nacionais.

Dos símbolos nacionais:

1. São símbolos nacionais: a Bandeira Nacional, o Hino Nacional, as Armas Nacionais e o Sêlo Nacional.

a) É obrigatório o ensino do desenho da Bandeira Nacional e do canto do Hino Nacional em todos os estabelecimentos, públicos ou particulares, de ensino primário, normal, secundário e profissional.

Do uso da Bandeira Nacional:

2. A Bandeira Nacional será hasteada:

- a) nos dias de festa nacional;
- b) nos dias de luto nacional;
- c) no primeiro dia letivo da semana, na hora da entrada de cada turno.

Salvo motivo de força maior, far-se-á o hasteamento sempre com solenidade, presentes ao ato professores, alunos e pessoal administrativo.

3. A Bandeira deverá ser guardada em lugar de honra, quando não esteja hasteada.

4. Quando hasteada em janela, porta, sacada ou balcão, ficará:

- a) ao centro, se isolada;
- b) à direita, se houver mais de uma bandeira;
- c) ao centro, se figurarem diversas bandeiras perfazendo número ímpar;
- d) em posição que mais se aproxime do centro e à direita dêste, se, figurando diversas bandeiras, a soma delas formar número par.

— Estas disposições são também aplicáveis quando figurarem ao lado da Bandeira Nacional bandeiras representativas de instituições, associações ou corporações.

— Considera-se lado direito o lado que fica à direita do observador colocado nos pontos acima enumerados e de frente para a rua.

— O mastro ou haste da Bandeira deverá estar situado no plano vertical normal à fachada, a prumo ou inclinada para fora, com relação à vertical, no máximo até 30 graus.

5. Em préstito ou procissão, irá:

- a) ao centro da testa da coluna, se isolada;
- b) à direita, se houver outra bandeira;
- c) à frente e ao centro da testa da coluna, dois metros adiante da linha pelas demais formadas, se concorrerem três ou mais bandeiras.

6. Quando distendida e sem mastro, em rua ou praça, entre edifícios, ou em portas, será colocada em sentido horizontal, e a estrela isolada em cima.

— Quando aparecer em sala ou salão, por motivo de reuniões, conferências ou solenidades, ficará estendida ao longo da parede, por detrás da cadeira da presidência ou do local da tribuna, sempre acima da cabeça do respectivo ocupante e disposta, igualmente, em sentido horizontal, e a estrela isolada em cima.

7. Somente por determinação do Presidente da República será a Bandeira Nacional hasteada em funeral, não o podendo ser, todavia, nos dias feriados.

8. O hasteamento poderá ser feito a meio mastro ou a meia adriça.

Das proibições de uso da Bandeira Nacional:

9. É vedado:
 - a) colocar quaisquer indicações sobre a Bandeira Nacional;
 - b) usar exemplar de Bandeira que não se apresente em bom estado de conservação;
 - c) usar a Bandeira como ornamento ou roupa, em nas casas de diversões, ou em qualquer ato que não se revista de caráter oficial;
 - d) como reposteiro ou pano de boca, guarnição de mesa ou revestimento de tribuna, cobertura de placas, retratos, painéis ou monumentos a serem inaugurados;
 - e) por qualquer pessoa natural ou entidade coletiva para a prestação de honras de caráter particular.

Da execução do Hino Nacional:

10. O Hino Nacional deverá ser cantado nos estabelecimentos de ensino:

- a) *obrigatoriamente*: na ocasião do hasteamento da Bandeira Nacional;
- b) *facultativamente*: nas sessões cívicas, nas cerimônias religiosas a que se associe sentido patriótico, e, bem assim, para exprimir regosijo público em ocasiões festivas.

11. O Hino Nacional será sempre cantado em uníssono.

Das proibições de execução do Hino Nacional:

12. É vedada a execução de quaisquer arranjos vocais do Hino Nacional, a não ser a de Alberto Nepomuceno.

13. Também não será permitida a execução de arranjos artísticos instrumentais do Hino Nacional, que não sejam autorizados pelo Ministério da Educação e Saúde.

Do respeito devido à Bandeira e ao Hino Nacional:

14. Durante a cerimônia do içamento ou arriamento da Bandeira Nacional, nas ocasiões em que ela se apresentar em marcha ou cortêjo, assim como durante a execução do Hino Nacional, deve ser mantida atitude de respeito, conservando-se todos de pé e em silêncio. Os alunos, do sexo masculino, devem colocar o chapéu ou a mão espalmada sobre o coração e os do sexo feminino a mão na mesma posição.

15. É obrigatória, quando solicitada, por unidade militar, a cooperação das escolas, na cerimônia de incineração de exemplar da Bandeira Nacional.

Das armas nacionais:

16. As escolas deverão ter na frontaria ou no salão principal as armas nacionais.

Das côres nacionais:

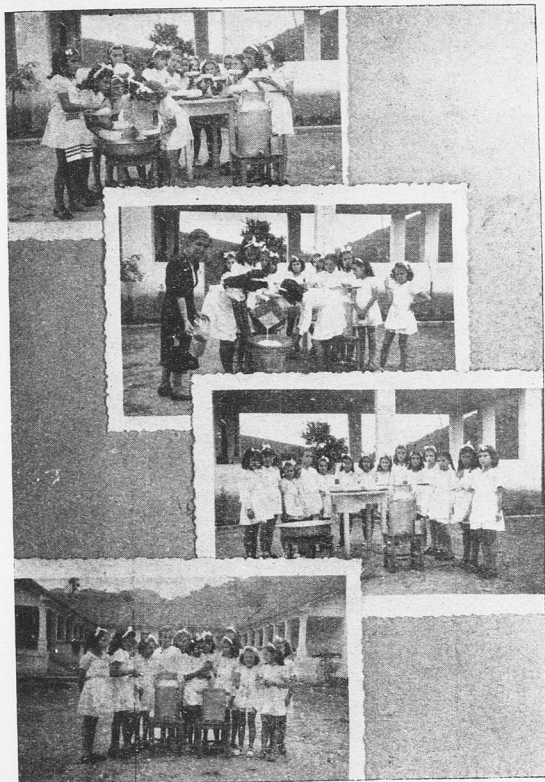
17. O verde e o amarelo são considerados côres nacionais e podem ser empregados para ornamentação mesmo em combinação com o azul e branco, nos casos em que não seja permitido o uso da Bandeira Nacional.

18. Na composição de qualquer peça ou aspecto de ornamentação, é proibido se empreguem o uso ou as disposições da Bandeira Nacional.

PALAVRAS DE MESTRES

Formar corações sem ao mesmo tempo desenvolver espíritos é impossível. Não se imprimem na consciência do homem regras de bem viver sem lhe esclarecer a inteligência, ampliar-lhe as idéias, instruí-lo, enfim: mas a instrução só por si não suprirá a educação.

DONNET



Grupo Escolar de Caratinga. — Crianças fabricando queijo

O rendimento do trabalho: o problema das medidas

O trabalho que aqui apresentamos refere-se à organização dos "testes" e de sua aplicação como medida aferidora de possibilidades mentais da criança e do rendimento de sua vida escolar. — É uma contribuição da 3.ª Sub chefia do D. E. para a qual recomendamos a atenção dos srs. professores e dos estudiosos que tiverem particular motivo de interesse pelo assunto.

"Como a medicina, a pedagogia implica um diagnóstico e um tratamento". É o que escreve Binet no livro "Les idées modernes sur les enfants". De fato, cada aluno se apresenta com individualidade própria. Auscultar seus interesses, compreender suas disposições e dar atenção especial às necessidades de cada um, não exigir d'êste o mesmo que pode fazer aquêle, é realizar trabalho racional com probabilidade de melhores resultados.

Mas, em classes numerosas, torna-se impossível educar cada criança, segundo suas capacidades. É o problema da individualização do ensino, de importância capital, porque calcado sôbre princípio psicológico de realidade incontestável — o das diferenças individuais — ficará sem solução, se não se recorrer ao critério das classes homogêneas. No entanto, agrupando as crianças, que têm aproximado grau de maturidade psíquica, será mais fácil ao professor dispensar-lhes tratamento conveniente e conseguir o máximo de rendimento no seu trabalho.

Cabe às professoras técnicas dos nossos grupos escolares resolver parte da questão pedagógica levantada por Binet. No princípio do ano letivo, por meio de "testes" organizados no "Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento", procuram sondar as possibilidades mentais do aluno novato, traçam o seu perfil psicológico e colocam o índice do seu desenvolvimento, organizando, em seguida, as classes: An1 (alunos que revelam índice mais elevados), An2 (alunos que revelam índice médios) e An3 (alunos que revelam índice inferiores).

A classificação dos repetentes da 1.^a série e dos escolares da 2.^a, 3.^a e 4.^a se faz atendendo aos resultados obtidos no exercício anterior (notas de aproveitamento ou resultados dos testes de promoção) e ao número de anos de frequência à escola.

Com esta organização espera facilitar-se o desenvolvimento dos programas e, conseqüentemente, elevar-se o índice da aprendizagem nos cursos primários, fato a se verificar no final do ano letivo. Para tanto são indispensáveis certos instrumentos que revelem o progresso dos alunos, ou seja, a eficiência do trabalho escolar em um dos seus aspectos — a instrução propriamente dita, porquanto os hábitos morais e higiênicos e as atitudes sociais, mais difíceis de serem determinados objetivamente, só de modo indireto serão apreciados.

OS INSTRUMENTOS DE MEDIDA

É certo que o professor adquire uma noção empírica do progresso dos alunos, ouvindo suas exposições, inquirindo-os sobre matérias do programa, observando suas reações ou vendo-os trabalhar quotidianamente. Mas, por grande que seja esta noção, não se lhe pode atribuir significação objetiva.

Por outro lado, as provas escritas, envolvendo determinado tema ou algumas perguntas sobre a matéria ensinada, apresentam inconvenientes: caráter subjetivo na sele-

ção das questões e na conferência das notas. E, ainda, pela pequena extensão, que geralmente apresentam, nunca abrangem, de modo satisfatório, os assuntos estudados. No julgamento de tais provas, todos sabem como pesam características como: letra, ortografia, estilo, e mesmo o apreço do mestre pelo aluno, razão da variedade de notas que um trabalho recebe, quando apreciado por vários examinadores.

Com o intuito de obviar estas falhas, a pedagogia tem experimentado outros processos para avaliação dos resultados escolares. São os testes, provas simples e rápidas, tão precisas quanto possível, que permitem controlar o progresso dos alunos em cada ramo de estudo — leitura, ortografia, gramática, aritmética, geografia, história, etc. Preparadas à vista do programa, devem apresentar questões bem selecionadas e de dificuldade progressiva, isto é, mais fáceis para serem vencidas pelos alunos fracos, um pouco mais difíceis, pelos médios, e mais difíceis ainda, pelos fortes. Aplicadas e corrigidas segundo normas gerais, seus resultados são submetidos a tratamento estatístico para verificação da validade e levantamento da escala, pela qual se determinará o grau de instrução dos alunos examinados.

Convém assinalar que a dificuldade e validade das questões de um teste só podem ser estabelecidas, fazendo-se ensaios prévios. Nisto está a impraticabilidade do seu emprego, como meio de apreciação dos progressos escolares. Vejamos por que. Trata-se, por exemplo, de verificar o rendimento dos alunos em relação ao programa de língua pátria. Organizam-se provas que se ajustem, pelo menos, aos pontos essenciais deste programa. Estabelecem-se instruções para aplicação e correção. Não se pode, entretanto, assegurar-se de seu valor prático, isto é, de que as provas medem realmente o que se quer com elas medir. Seria preciso experimentá-las com certo número de escolares, apurar o resultado, eliminar questões inúteis, modificar ou substituir algumas, etc. Só assim se conseguiria selecionar e seriar questões de maneira conveniente, para se ter à mão provas que permitissem colhêr resultados reais e precisos.

Só assim se conseguiria elaborar escalas que revelassem, com mais nitidez, o adiantamento dos alunos em leitura, ortografia, etc.

O "teste de instrução" é, por assim dizer, o termômetro que mede o grau de desenvolvimento do aluno, em relação aos demais da mesma e até de outras séries do curso. Avaliando-se o resultado do trabalho de uma classe por escalas dêste teor, verifica-se qual o índice do seu progresso — normal, se corresponde aos das outras classes da mesma série, abaixo ou acima se corresponde ao das classes das séries inferiores ou superiores.

Compreende-se o valor dos testes para os que dirigem ou administram o ensino. Não é fácil, porém, padronizar testes para todos os ramos de estudo. A' extensão do trabalho acresce, ainda, a desvantagem do ensaio prévio, do que pode acontecer a sua divulgação, antes que esteja aferido. Por outro lado, mesmo um órgão oficial, com atribuições técnicas e administrativas, nem sempre poderá utilizar-se de tais instrumentos para medir o rendimento escolar. E se os aplicar, sistematicamente, com esta finalidade, embora empregue formas equivalentes, talvez leve o professor a se preocupar mais com a medida do que com os objetivos da educação. Passará êste maior parte do mês letivo em treinar respostas a determinadas questões, em lugar de desenvolver o seu trabalho, visando às necessidades dos alunos e aos reclamos do ambiente.

Sem dúvida, os testes "standards" são de grande utilidade, para avaliar o progresso que tem feito a empresa escolar em um quadriênio, medir hábitos, como rapidez e exatidão nos cálculos, ou pesquisar erros mais freqüentes de leitura, de ortografia, etc., nas diferentes séries do curso. Mas para verificação da aprendizagem conseguida após um período letivo, tendo em vista conhecer a eficiência do trabalho escolar, talvez não sejam de efeito seguro. Por êsse motivo, o órgão técnico da Secretaria da Educação do Estado de Minas tem procurado outra solução para o problema — medidas escolares. Em lugar de testes "standards" em-

prega, no encerramento das aulas, para controle das promoções, nos cursos primários, "provas objetivas" padronizadas na sua aplicação e correção, denominando-as, ainda que imprópriamente, "testes de promoção". (TP).

Computados os valores dessas provas, não interessa ao referido órgão a elaboração de escalas para aferição dos resultados. Faz apenas o cálculo da mediana e do desvio provável, afim de estabelecer o índice mínimo de suficiência.

Na elaboração, correção e aplicação destas provas, atende-se aos princípios da pedagogia experimental no que concerne à medida dos produtos escolares, evitando-se, entretanto, os ensaios. Uma vez aplicada a prova, está inutilizada, como instrumento de medida. É estudada para se conhecer seus pontos fracos. A seguinte é organizada, valendo-se das experiências passadas, modificando-se-lhe entretanto, tanto quanto possível, a forma e conteúdo, afim de se neutralizar os efeitos de um treino com provas similares às anteriormente aplicadas.

Inteiramente desconhecidas, realizam-se no mesmo dia e hora nas escolas de Belo Horizonte e nas do interior do Estado que funcionem sob a orientação das professoras diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento. A correção das da Capital é feita no órgão técnico da Secretaria da Educação, trabalho difícil, apesar das instruções que visam à máxima uniformidade. Para conseguir esta uniformidade formam-se grupos de professoras e a cada grupo, sob a direção de uma assistente-técnica, entrega-se a correção de uma das provas.

Destarte, obtêm-se resultados que permitem conclusões relativas à eficiência do ensino nas escolas do Estado e material precioso que orientará a revisão dos programas e organização dos testes "standards", aplicáveis no futuro com os objetivos expressos linhas atrás.

Que resultados se têm conseguido com o emprêgo dessas provas nas escolas mineiras?

Aplicadas, a princípio, a título de experiência, permitem pesquisar, em Belo Horizonte, certas anomalias escolares, das quais se destacavam as seguintes:

a) verdadeira estagnação de crianças nas classes do 1.º ano (50,2 % sobre um total de 14.228 matriculados em 1935, enquanto as do 4.º ano representavam apenas, 112 % dessa matrícula);

b) porcentagem mínima das crianças dessas classes conseguia promoção à segunda série, com um ano de escola (em 1934, apenas 26 % sobre 2.083 dos novatos presentes às provas finais).

Passando a serem empregadas pela administração do ensino, como meio de controle das promoções e de classificação dos alunos, as provas têm contribuído para elevar o rendimento do trabalho em todas as séries do curso, conforme se vê pelo quadro abaixo:

	Matriculados	Aprovação geral	%
1938	13.748	7.711	56
1939	17.129	10.227	59,7
1940	18.019	11.504	63,8
1941	19.625	12.350	62,9
1942	20.302	12.210	60,1
1943	20.756	13.212	63,6
1944	21.134	14.103	66,7

Nas classes da 1.ª série as quotas das promoções se elevaram de 32,7 % sobre um total de 4.500 alunos (em 1934) a 57 % sobre 7.391 alunos (em 1944). As promoções nas classes de novatos subiram de 26 % (em 1944) a 49,3 % (em ... 1944).

Com isto, decresce a porcentagem da repetência nas classes do 1.º ano: de 63 % (em 1934) passou a 43,0% (em

1944), elevando-se a matrícula nos anos seguintes, conforme se verifica pelo quadro abaixo:

A N O	Matricula 1.º ano		Matricula 2.º ano		Matricula 3.º ano		Matricula 4.º ano		Total
		%		%		%		%	
1935.....	7186	50,2	2998	21,0	2450	17,2	1594	11,2	14.228
1936.....	7329	46,8	2792	24,2	2676	17,1	1840	11,4	15.629
1937.....	7487	45,0	4291	25,8	2990	17,9	1848	11,1	16.616
1938.....	7293	42,1	4888	28,2	3097	17,8	2063	11,8	17.341
1939.....	7850	41,7	5092	27,0	3813	20,2	2038	10,8	18.793
1940.....	8085	40,1	5322	27,4	4296	21,0	2278	11,3	20.121
1941.....	8657	40,3	5786	26,9	4371	20,3	2657	12,4	21.471
1942.....	8441	37,6	6437	28,7	4721	21,0	2789	12,4	22.395
1943.....	8397	37,4	6296	27,7	4893	21,5	2985	13,1	22.571
1944.....	8642	36,7	6483	27,6	5156	21,9	3200	13,6	23.456
1945.....	8814	37,1	6314	26,6	5379	22,6	3205	13,5	23.712

Mas a medida do rendimento escolar, por meios objetivos e padronizados, deixaria de produzir efeito satisfatório, se seus resultados não fossem levados ao conhecimento dos dirigentes e professores de cada estabelecimento. Eis por que no Departamento Técnico da Secretaria da Educação e Saúde Pública de Minas, além da aplicação, correção e valorização das provas, e análise das respostas às questões apresentadas, procura-se também comparar os índices de rendimento apresentados pelas classes que têm o mesmo tipo de alunos e pelos estabelecimentos congêneres, confrontando-os com os do período letivo anterior. As conclusões tiradas, quer da análise das provas, quer da comparação dos índices de rendimento, constituem matéria para comunicados às escolas, em ofícios ou circulares, com a preocupação de manter o estímulo das que lograram resultados satisfatórios e incitar as que fizeram pouco, a maiores esforços. Consegue-se, assim, não

so melhorar a qualidade do ensino, como elevar seus resultados sob o ponto de vista quantitativo.

O quadro seguinte, que representa a matrícula efetiva e as promoções de grupos escolares e escolas reunidas do Estado, em 1940 e 1944, já revela o progresso que se vem operando no trabalho dessas casas.

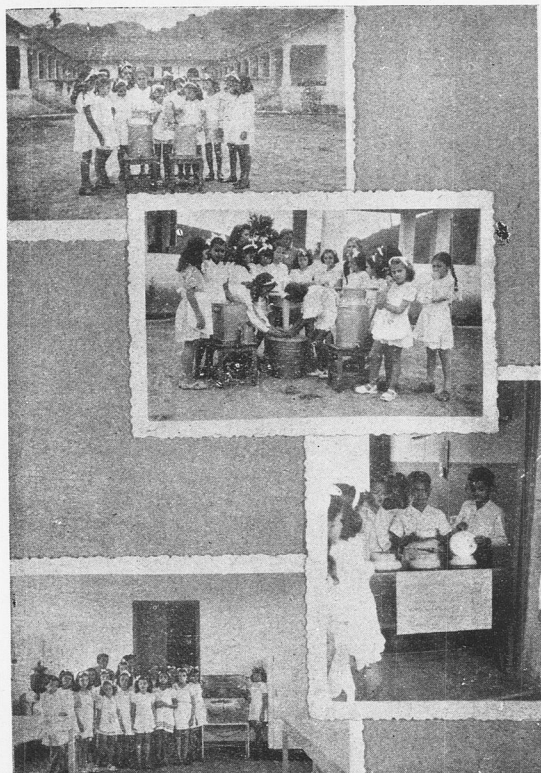
	1940			1944		
	Matrícula	Promoção	%	Matrícula	Promoção	%
1.º ano.....	70.041	30.597	46,1	74.053	34.891	47,1
2.º ano.....	39.827	24.021	61,5	44.114	28.603	64,8
3.º ano.....	28.165	17.858	67,4	33.587	22.662	67,4
4.º ano.....	17.081	13.299	80,9	22.844	18.865	82,5
Total	155.114	85.775	58,2	174.598	105.021	60,1

Concluindo:

1. O rendimento escolar depende, em grande parte: a) da organização que se der às classes; b) do conhecimento que se der ao professor, quanto aos efeitos do seu trabalho, em comparação com os apresentados pelos demais que se esforçam no mesmo campo. Se estiver acima, sentir-se-á satisfeito e estimulado para novos e maiores esforços. Se estiver abaixo, é de esperar-se procure melhoras os seus métodos e trabalhar com mais dedicação.

2. O rendimento escolar deve ser verificado ao término do exercício letivo, pelos diretores e administradores do ensino, com o emprêgo de instrumentos que o revelem com a devida clareza e segurança.

3. Os *testes standards*, como instrumentos de medida dos resultados escolares, apesar das vantagens que apresentam — objetividade e precisão —, devem ser empregados com certa reserva, afim de se evitar a prática de expedientes, co-



Crianças do Grupo Escolar de Caratinga, em plena atividade educativa, fabricando e vendendo queijos

mo seja o adextramento em algumas técnicas e informações, em prejuízo da realização dos objetivos básicos da educação integral.

4. O resultado da empresa escolar, num espaço de tempo mais ou menos longo, poderá ser verificado, de maneira satisfatória, pelos *testes standards* e, bem assim, certos hábitos e aquisições que reclamam controle sistemático, como rapidez e exatidão nos cálculos, conhecimentos ortográficos, etc.

Quanto à aprendizagem conseguida, no decurso de um mês, de um trimestre ou mesmo de um ano, parece mais prático e eficiente o emprego das "provas objetivas", organizadas de acordo com o programa desenvolvido no período letivo e aplicadas, corrigidas e valorizadas segundo normas gerais.

5. A administração das escolas públicas em Minas, adotando as "provas objetivas" padronizadas, para controle das promoções, vem aproveitando, ainda, os seus resultados para classificar os alunos no ano seguinte, diagnosticar certas deficiências na aprendizagem, rever e organizar os programas de ensino e, ao mesmo tempo, armazenar material para no futuro, elaborar seus *testes standards*.

6. Os resultados da homogeneização das classes e aferição do rendimento do trabalho, nos cursos de quatro anos das escolas do Estado, particularmente nas da Capital, já se revelam de maneira progressiva através dos dados coligidos pela estatística.

AS COLEÇÕES dos anos anteriores da
"Revista do Ensino" são vendidas a
Cr\$ 50,00 cada uma. Pedidos à Direção.

Desalento

MÁRIO CASASANTA

MARÇO, 1936 — Comecei hoje o meu curso de português. Muitos alunos. Meninos e meninas. Provêm de várias classes sociais, uns visivelmente de famílias bem organizadas, outros de famílias que vão melhorando de nível, mas que ainda guardam as arestas do ponto de partida.

Um menino veio cumprimentar-me, dizendo-me que me conhecia muito de nome e que lera uma poesia minha.

— Papai gosta muito do sr. e diz que o sr. estuda muito.

Não é pelas amáveis palavras do menino que lhe julgo da elevação moral da família. A roupa, o cabelo, os sapatos, o assieio, o modo de conversar, tudo indica a boa cêpa e o nobre lar.

Essa boa impressão, porém, para logo se desfez no corredor, tão depressa sai da primeira sala de aula.

Num diálogo entre duas alunas, surpreendí estas palavras de confidência, em voz alta:

— Aquela Irmã é uma besta, e por causa dela é que vim para o Ginásio.

Depois, nas outras turmas, colhi impressões diversíssimas, que iam entre as extremas do bom e do mau. O interesse de uns, a inquietação de outros. O silêncio destes, o cochilo daqueles. O ar humilde do lado da arrogância. A cara aberta e boa, as sobranceiras cerradas numa carranca. Um pequeno

revia os seus sêlos velhos, outro folheava uma revista às escondidas.

No bonde, vim ruminando as impressões e as sensações, somando as boas, deduzindo as más, trazendo como resto um pouco de desalento.

A tarefa é delicada e é difícil.

Conheço a matéria, tenho gosto e força para estudá-la bem. Gosto realmente de minha língua, esqueço-me do mundo na leitura de um clássico. A cada passo, suspendo a leitura para recorrer ao dicionário e à gramática. Tomo notas, um pouco desordenadamente, é verdade, mas tomo-as de há muito e constantemente, o que quer dizer que o meu arsenal de observações próprias não é pequeno.

De outro lado, gosto por igual de ensinar. Faz-me bem o convívio com as almas jovens. Delas recebo um como hábito de juventude, a sensação de um regresso passageiro ao passado claro e harmonioso, em que punha a luta da vida no estudo para a conquista de uma boa nota.

Além disso, avalio o que significa *ensinar* em nosso país, qual a função da educação em nossos destinos, e, sobretudo, o papel que cabe ao professor da língua materna no conjunto das disciplinas.

Entretanto, trouxe para casa a sombra de um desalento. Terei bastante força para compreender os meus alunos? Sabendo que cada idade tem o seu mundo particular, ideais, preconceitos, defeitos, e virtudes próprias, poderei considerá-los justamente, tolerá-los e fazer alguma coisa para melhorá-los? Suportarei a injustiça, a irritação, o desmazêlo, a ironia, a grosseria? Lembrar-me-ei de que, por vezes, eles vivem num meio pobre, ruim, de doença ou de incompreensão? De que sofrem? De que têm alguma doença moral ou física? Terei capacidade, finalmente, para lhes abrir as perspectivas de um melhor tipo de vida?

Cumprir estudar bem a minha classe e levantar um mapa de meus alunos. Ler um bom manual de psicologia da

adolescência. O ciúme, o medo, a irritabilidade, a mentira, o mexerico, o furto, a inquietação não serão doenças tão sérias como a úlcera do estômago, e, como tais, susceptíveis de tratamento? Procurar soluções. Os casos difíceis não se resolvem com autoridade ou impaciência, mas com compreensão e bondade.

Dê-me Deus força, porque me sinto realmente abaixo da tarefa!

MÁRIO CASASANTA

PALAVRAS DE MESTRES

Apelar para o presente interesse da criança, simplesmente como presente, significa somente excitá-lo; significa brincar com uma força infantil, trazê-la em constante vibração, sem nunca orientá-la e dirigir para seus fins definitivos. Uma constante iniciação, um continuo recomeçar, sem chegar a fim algum, é, praticamente, considerado tão desastroso quanto uma repressão continua de iniciativas, em conformidade com os interesses de algum pensamento ou vontade mais perfeitas do adulto. Seria condenar-se a criança a provar permanentemente e jamais a comer; a ter seu paladar constantemente aguçado sem nunca atingir a satisfação orgânica que lhe viria da digestão do alimento e sua assimilação em forças vivas.

JOHN DEWEY

Como a moralidade reside única e exclusivamente na própria vontade, determinada por uma reta inteligência, é evidente, antes de tudo, que a educação moral não deve cuidar do aspecto exterior das ações, devendo, antes, desenvolver na alma da criança essa inteligência, juntamente com a vontade a ela acomodada.

J. F. HERBERT

A criança bem dotada

HELENA ANTIPOFF

Presenciando a luta monstruosa dos povos, compreendemos, com espanto, quão longe está o homem, com seus instintos desenfreados de violência, destruição e dominação, dos ideais que, há vinte séculos, iluminaram o espírito torturado da humanidade.

Todos nós, adultos de hoje, somos responsáveis pelo futuro. Pais, mestres, homens públicos, sacerdotes, escritores, artistas — a todos caberá uma parcela de culpa, se a geração que nos substituir na arena da vida tiver a imperfeição da nossa ou for pior que a nossa.

Fazemos tudo, como faz o homem que defende o solo de sua pátria, na base dos princípios morais, para que a infância percorra caminhos limpos e suba até onde é possível encontrar a cooperação e a confiança mútua? Que temos feito pela educação, para garantir a paz do mundo vindouro?

Há, entretanto, quase inteiramente descurado dos educadores, um grupo de crianças com grande probabilidade de tomar as rédeas da vida social de amanhã e imprimir-lhe a direção que seria, realmente, a melhor. Não é que a sociedade humana se assemelhe inteiramente a um rebanho, mas o valor daquele que a dirige predetermina, de certa maneira, o valor do grupo dirigido. Isso observamos diariamente nas escolas: a conduta, o trabalho, e mesmo a expressão fisionômica das crianças dependem das qualidades daquela que lhes dirige as atividades e o espírito.

O guia verdadeiro, aquele que atende às aspirações do grupo, mantê-lo-á com tanto mais segurança quanto mais pu-

der elevar-lhe as aspirações. Então, os homens que, no íntimo, sempre aspiram ao bem, reconhecendo o auxílio que lhes dão os chefes, hão de segui-los, confiantes e satisfeitos.

Cuidar das crianças bem dotadas é predeterminar, de certo modo, os rumos da futura sociedade.

Que temos feito nesse sentido? Pouco. E, muitas vezes, erramos consideravelmente no trato com essas crianças, mesmo em sua tenra idade.

Uma das primeiras manifestações do bem dotado é a sua vitalidade, vivacidade e aspiração à independência. Já aos 2-3 anos de vida, a criança procura emancipar-se de seu ambiente e exteriorizar a própria pessoa, inconfundível com qualquer outra.

Nesse momento crítico é preciso que os pais demonstrem bastante tato. Sem se deixarem dominar pelos caprichos e anarquia da criança, não poderão faltar com a cortesia e o respeito ao ser humano, que a criança é, antes de tudo. Ai do caráter do futuro cidadão, quando, nos seus primeiros três anos de vida, já experimenta a violência, a baixa e a leviandade dos que lhe devem exemplos edificantes! Nunca devemos esquecer-nos de que não existe idade, por menor que seja, em que a criança não perceba a deslealdade ou a violência. Todo ato desleal ou grosseiro tende, invariavelmente, a provocar, no ofendido, um sentimento de desforra que, mais cedo ou mais tarde, suscitará reações, entre as quais a melhor para a criança é a "boomerang", reação que equivale ao "olho por olho, dente por dente". Existem reações menos abertas e mais dolorosas, em que o sentimento de inferioridade faz suscitar uma flora não suspeitada de anseios de reajustamentos, próprios da gênese do caráter humano.

Não menos censurável que a grosseria e a violência dos educadores, é a leviandade com que procuram disciplinar a anarquia da criança bem dotada e talentosa. Doi-me o coração, quando vejo esses pequenos mártires, vítimas da vaidade dos pais e da frivolidade dos amigos da casa. Doi-me pensar quantas crianças foram sacrificadas no altar das ambi-

ções paternas. Ao invés de deixarem crescer e robustecer o talento do pequeno, forçam-no ao amadurecimento precoce. Obrigando-o a esforços demasiados, a fúteis exhibições, distraem o pequeno ser de sua vida de criança. Rompem o botão com mãos impacientes, sacrificando a flor e o fruto em eclosão.

Tantos "Wunderkinder", tantas crianças geniais, tantos talentos precoces e tão poucos talentos na idade adulta. Muitos deles seriam grandes e belos, se os pais os tivessem deixado crescer normalmente.

Outra faceta do bem dotado aparece na idade escolar. Que lhes reserva muitas vezes a escola? Ambiente de tédio irrespirável transforma esses meninos bem dotados em irrequietos, indisciplinados, travessos, que mestres medíocres são incapazes de manter, sem queixa, nas suas classes. São freqüentemente os indesejáveis, na escola, segundo as conclusões de pesquisas especialmente organizadas para essa investigação. Mesmo aqui, no Brasil, — onde o ar nas escolas é já bastante renovado, em Pernambuco, por exemplo, — as conclusões são desanimadoras: criança bem dotada de inteligência é elemento de distúrbio na escola.

Há ainda outro aspecto, menos comum na escola de primeiras letras e bem freqüente na escola de níveis mais altos: o ciúme com que reagem os mestres à manifestação de talento dos seus alunos. O caso de Edward Grieg é edificante. A obra n. 1 de sua criação foi recebida pelo mestre com ironia cáustica e ameaça de castigos severos, caso continuasse a divertir-se com a arte musical. Grieg continuou, apesar do ciúme do mestre. Tivesse obedecido e o mundo estaria privado das obras do maior compositor nórdico deste século.

Foi observado que fortes aptidões especiais são freqüentemente aliadas a uma constituição nervosa um tanto frágil, surgindo, não raro, em famílias mentalmente taradas. Quando adolescentes, esses talentos, já primorosos em música, pintura e artes plásticas, são facilmente levados ao desequilíbrio. Descontrolados, entregam-se aos impulsos do mo-

mento, sucumbindo às tentações do álcool e da erótica. Sem ainda nada produzir, antes que o talento engrosse seu calibre e a personalidade reflita o seu feito original, o adolescente se perde no nada, ou no lodo da vida.

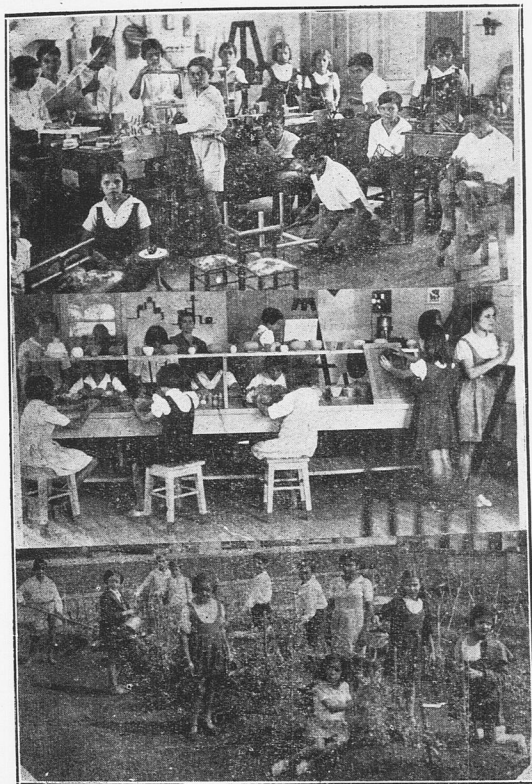
E este caso mais: crianças ou adolescentes bem dotados, mas de famílias pobres, obrigados a tarefas acima de suas forças, chegam à idade adulta exaustos e com a alma amargurada. Constatam o próprio fracasso, o tempo desperdiçado, e, então, em lugar de um trabalho socialmente útil, iniciam uma obra de destruição, quando não dispersam a inteligência em críticas malévolas e sem piedade. Quantos homens inteligentes, exasperados da vida, não sucumbem numa paranoia mórbida?

E os espertalhões, os exploradores de toda espécie, os canalhas de matizes variados, que constituem a fauna tão característica dos meios duvidosos? Que eram eles, quando crianças? Eram meninos de inteligência viva, curiosa, meninos capazes de iniciativa palpitante e de exuberante vitalidade. Por que tomaram o mau caminho? Que fizeram seus mestres, quando ainda brincavam no pátio da escola?

A criança bem dotada é a criança problema n. 1 para os educadores. Suas aptidões e inteligência são energias de forte potencial. Aplicadas a obra socialmente útil, enriquecem o país e contribuem para a harmonia e a paz. Ao contrário, favorecem a vitória do mal, a exploração do fraco, a eclosão daquele egoísmo abjeto que cria, no meio social, desigualdades, agitação e revoltas.

O problema do supernormal constitui, assim, um problema de ordem social bastante grave, porque, se descuidado, é a fonte dos fracassos de talentos e de gênios, e das perdas de valores; se mal orientado, é o gerador de elementos indesejáveis e perniciosos à harmonia social.

Para que os superdotados se tornem os esteios da sociedade, ou desempenhem o papel que deles se espera, faz-se necessário dispensar-lhes cuidados especiais. O problema dos



Alunos do Grupo Escolar "Carvalho de Brito", de Guaranésia, na prática de diversas atividades

bem dotados é de tal importância que só esforços conjugados da sociedade e dos governos poderão resolvê-lo eficientemente.

Aproveitemos a "Semana da Criança", para lançar, sob seus auspícios, o convite para uma campanha em prol da infância bem dotada.

HELENA ANTIPOFF

PALAVRAS DE MESTRES

Os elementos fundamentais do processo educativo são, de um lado, um ser imaturo e não evolvido — a criança — e, de outro, certos fins, certas idéias e certos valores sociais representados pela experiência amadurecida no adulto. O processo educativo consiste na adequada interação desses elementos. A concepção das relações entre um e outro, tendente a tornar fácil, livre e completa essa interação é a essência da teoria educativa.

JOHN DEWEY

Seja uma habilidade, seja uma idéia, seja um controle emocional, seja uma atitude ou uma apreciação, só as aprendemos se as praticamos.

ANÍSIO TEIXEIRA

Aviso aos Professores e Assinantes

Prevenimos aos srs. professores e assinantes que a "Revista do Ensino" não é distribuída pela Imprensa Oficial, mas, sim, pela Secretaria da Educação, para onde a nossa correspondência deve ser dirigida.

Biblioteca infantil, alma da escola primária

NAIR STARLING

I

BIBLIOTECA E ESCOLA

O primeiro país que cuidou de organizar bibliotecas infantis foi a Inglaterra.

O extraordinário resultado motivou a multiplicação da atividade em tôdas as escolas de crianças da Grã-Bretanha.

Nos Estados Unidos criaram-nas, a exemplo da Inglaterra, mas admiravelmente aperfeiçoadas, como verdadeiro centro dos trabalhos das classes.

Através das publicações escolares de todos os países da América, nota-se a preocupação de criar e desenvolver as bibliotecas infantis.

Não se deseja mais o trabalho escolar desorganizado e árido, nem decoração infrutífera, nem esforço desarticulado. A biblioteca e a escola devem marchar juntas, uma vitalizando a outra — a escola animando a biblioteca, a biblioteca impulsionando a escola.

E' desnecessário tecer elogios à leitura e realçar-lhe o valor supremo como recreio e fonte de informação, pois todo aquêlê que se dedica à tarefa de ensinar, tem disso a mais clara consciência.

Fazer de cada criança um leitor apaixonado é, pois, o objetivo máximo da biblioteca.

O amor à leitura nasce, sem dúvida, do método pelo qual a criança aprende a ler. Cultiva-se e firma-se, porém, através da freqüência à biblioteca.

A biblioteca facilita a tarefa do professor e do aluno, tornando possível estudo mais interessante e proveitoso.

Sem biblioteca, como resolver problemas e realizar projetos?

Sem biblioteca, como guiar o aluno na conquista dos conhecimentos?

Sem biblioteca, como praticar escola ativa?

A biblioteca é, assim, atestado eloqüente do valor de uma escola, é o seu alicerce, porque vivifica o trabalho de tôdas as classes, deixando, no espírito do aluno, o marco luminoso do amor à leitura.

II

RECURSOS

Uma biblioteca organiza-se melhor e mais facilmente pelo esforço da coletividade, do que por meio de verbas oficiais.

Sendo a biblioteca o centro para o qual se convergirá o interesse de todos, o trabalho de procurar recursos já se encontrará, em parte, resolvido.

Que os professores e alunos não anseiem possuir, egoisticamente, qualquer material, mas se esforcem para que a biblioteca o possua, para proveito de todos.

Esse espírito de cooperação, que tanto brilho e desenvolvimento traz à biblioteca, tem ainda a vantagem de tornar o ambiente escolar mais vivo, mais amigo.

Em geral as bibliotecas contam com auxílio das Prefeituras, com doações do Instituto do Livro etc. Podemos também procurar recursos por uma série de processos, uns completando os outros, como: sócios protutores, festa do livro, sociedade de amigos do livro e outros processos que alcançarão maior ou menor êxito, conforme o meio.

Não esqueçamos o auxílio da criança, que é precioso. Só de doações dos alunos já obtivemos 69 obras para a biblioteca infantil "Firmino Costa", anexa ao grupo escolar "Alexandre Drummond", da Escola Normal de Belo Horizonte.

Pelo resultado de um questionário, notamos o quanto é espontânea e valiosa a cooperação da criança.

Algumas respostas aqui estão, animadas, demonstrando o entusiasmo dos pequenos leitores:

"Pela biblioteca eu posso fazer tudo — até escrever um livro de histórias".

"Eu posso dar muitos livros que já li, mas com certeza meus colegas não leram".

"Eu quero dar minhas gravurinhas de jôgo com tôda alegria".

"Eu posso dar livros que tenho em casa e ajudar a biblioteca a crescer".

"Eu vou dar uma folhinha, um vaso de folhagem e ajudar a consertar os livros velhos".

E, assim, existindo na escola boa vontade, surgirá, quase do nada, uma biblioteca esplêndida, num verdadeiro milagre do esforço coletivo.

III

A BIBLIOTECÁRIA

Visto através de suas linhas gerais o trabalho na biblioteca parece monótono e sem valor — tarefa de principiantes talvez. Mas a verdade é que, entregue a principiantes, apenas como meio de adaptá-los aos assuntos mais árduos, a biblioteca não atingirá seus objetivos.

A bibliotecária não deve deslocar-se de seu setor para substituir professores ou atender às necessidades da escola, porque o regime das improvisações é falho e prejudica consideravelmente as crianças.

Infelizmente, a opinião ainda dominante é a de que as bibliotecas têm valor secundário. Se os dirigentes do en-

sino não reconhecem a utilidade da instituição, como colher os frutos?

O trabalho é cheio de encantos e exige gosto, conhecimento do assunto e dedicação. Não se improvisa uma bibliotecária, a menos que se queira condenar a biblioteca à rotina, jamais alcançando suas verdadeiras finalidades.

A bibliotecária é o fator mais importante do desenvolvimento da biblioteca. É a educadora que forma o ambiente propício à leitura, a mão que conduz o aluno. É quem seleciona os livros e zela o material. É a estimuladora do estudo. Seu lugar, auxiliando o pequeno leitor em suas dificuldades, é de inestimável mérito. Canalizar tendências, criar bons hábitos, corrigir atitudes, auscultar as preferências, tudo, enfim, é objeto de sua constante atenção, para que a criança possa colher todos os frutos da admirável atividade silenciosa.

Contar histórias deve ser arte cultivada pela bibliotecária, por isso representa a parte mais viva do trabalho.

Contar histórias é arte, e, como arte, nada tem de simples. Requer jeito, pede dom especial.

Na "Hora de Histórias" ou "Hora do Conto" a bibliotecária aproveitará a oportunidade para atender o gosto das crianças, apresentando bem a narrativa, fazendo o elogio do livro de onde foi extraída e do seu respectivo autor.

Na "Hora do Conto" a bibliotecária aproximar-se-á naturalmente mais das crianças, tornando-se mesmo uma espécie de dindinha, titia ou irmã mais velha.

E é tão compensadora a atividade! Nenhuma outra será mais agradável. As crianças julgam tão bem quem lhes conta histórias. Imaginam que a narradora possua a varinha mágica das fadas boas ou algum poder supremo.

Os meninos, quando ouvem os velhos e imortais contos da Carochinha, refletem felicidade nos olhos atentos — felicidade que é compensação imensa para a narradora que galopa, vertiginosamente, nos mundos fabulosos, tendo, bem junto de si, o mundo real mais inocente, a paisagem mais simples e comovedora das crianças, que a acompanham na

corrida pelo país onde os animais falam, as árvores choram, os gigantes são vencidos, mas onde a vitória é sempre o prêmio dos que lutam pelo bem.

Outra arte a ser cultivada é a do desenho.

As histórias devem ser fixadas e isso se consegue, principalmente, através do desenho e da modelagem.

As cenas dominantes serão assim facilmente retidas, num trabalho cheio de encantos, pois interessa vivamente as crianças.

A bibliotecária dedicada encontrará ainda vários outros meios de fixação dos contos, como sejam dramatizações, perfis, fichas de apreciação, etc.

Por causa da soma de esforço e boa vontade que a tarefa exige, repetimos: NÃO SE IMPROVISA UMA BIBLIOTECÁRIA, A MENOS QUE SE QUEIRA CONDENAR A BIBLIOTECA À ROTINA, JAMAIS ALCANÇANDO SUAS VERDADEIRAS FINALIDADES.

No nosso meio, as bibliotecas infantis têm nascido e crescido empiricamente, sem base comum e sem uniformidade. Mas o assunto já vem sendo objeto de estudo, havendo mesmo planos no sentido de serem organizados cursos especiais para professores bibliotecários, como se procede no Rio e em São Paulo.

E nada é mais justo.

A falta de técnica acarreta grandes males, dando origem a processos anti-pedagógicos, que se enraízam na comodidade da rotina escolar, prejudicando as crianças que se preparam para as competições, cada vez mais intensas, da vida moderna.

NAIR STARLING

PALVRAS DE MESTRES

Onde houver vida há atividade, e qualquer atividade tem sempre alguma tendência qu direção própria.

JOHN DEWEY

Uma canção para cada escola

MANUEL CASASANTA

E' sempre pela mão das crianças que mergulhamos nos mundos mágicos da infância. Vamos por uma das ruas de nosso bairro, arrastando, no corpo fatigado, a alma ainda mais fatigada. A tarde serena toca-nos a sensibilidade, como um arrependido importuno. Consideramos as casas, os homens, as coisas, através dos óculos escuros do pessimismo. Os bondes campainham lá longe, os automóveis não perturbam o sossêgo da rua. Embora! Vamos inquietos, sob a tarde serena, carregando o fardo dos trabalhos do dia. Súbito, porém, ao dobrarmos a esquina, topamos um grupo de crianças a entoar, de mãos dadas, uma velha cantiga de roda:

*Senhora dona Sancha,
coberta de ouro e prata...*

O ar parece que fica mais leve para espalhar a cantiga. E ela nos acompanha até a casa. As inquietações se dissipam, desenruga-se o futuro, o bom-humor nos arrebatava e mergulhamos, sem querer, nos mundos mágicos da infância.

Foi bem assim, numa volta de esquina, diante de um côro de meninas, que nos ocorreu a pergunta: a escola ensinará a criança a cantar? A princípio, tivemos a impressão de incidir num exagero, porque a criança, ao ir para a escola, já possui em matéria de canto alguma coisa de seu. A escola incumbe apenas desenvolver esse dom, inato na criança. E, se o faz, tanto melhor.

O canto favorece a educação do ouvido; desenvolve o senso do ritmo; abre ensejo à boa formação moral; liberta as emoções; age à maneira de sedativo, influenciando, portanto, na disciplina. Feito em conjunto aproxima as crianças, unifica-lhes o pensamento e os sentimentos, contribui para dar fisionomia e espírito à escola. Se ajuda a criança a transpor as barreiras de seu egoísmo e integrar-se na vida em grupo, a escola, em parte graças ao canto, assume contornos mais nítidos, apresenta-se como unidade social, trepidante, ágil, viva. Uma "sociedade em miniatura", na frase já sedida de Dewey.

Ora, quando uma escola se diferencia no quadro geral do ensino, merecê da afirmação harmoniosa e original das características educativas, é porque adquiriu expressão individual. Não é *uma* escola, mas *a* escola, valendo o *a* pelo melhor dos elogios. E temos de novo a disciplina do canto para auxiliar a fixação dessa individualidade. Basta que, além dos hinos comuns, cada escola tenha uma canção própria, só dela, canção ingênua e alegre, que associe na alma das crianças o pensamento da casa onde estudaram. Como deverá ser grato aos ex-alunos recordarem, volvidos os anos, a canção simples e doce, que os embalou em todo o curso primário!

Esta sugestão quem nó-la dá é o marechal Lyautey. O genial construtor do Marrocos francês encorajara nos batalhões, sob seu comando, a adoção de marchas guerreiras características e privativas de cada qual. Ouvido pelos superiores acêrca da novidade, saiu-se Lyautey com esta resposta, digna, aliás, de um psicólogo:

— Uma canção vale um batalhão.

MANUEL CASASANTA

PALAVRAS DE MESTRES

Um caráter é uma vontade completamente educada

STUART MILL



Ballados e representações em festejos comemorativos e em benefício da Caixa Escolar do Grupo da Cidade de Visconde do Rio Branco

O Cruzeiro na escola primária

ALDA LODI

PROFESSORA DA ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO

A instituição da nova moeda monetária — o Cruzeiro — veio repercutir no programa de Aritmética e levantar outros problemas no ensino.

Os adultos vêm no Cruzeiro outras razões que não vê a criança. Não como simples novidade. Mas, como medida necessária de longa data e que a situação propicia se incumbiu de efetivar. Razões de ordem lógica. Razões de ordem prática. O antigo sistema partia de uma unidade elevadíssima — o mil réis — deixando a impressão de que o simples real tinha poder aquisitivo. Não podendo o real ser considerado para fins práticos, como então, denominar a unidade monetária efetiva "mil réis"? Os submúltiplos do "mil réis" — 100 rs., 200 rs., etc., — eram, como o próprio "mil réis", múltiplos de uma unidade insubsistente em função de valor, de uma unidade de ficção. E não divisões dessa unidade, como seria lógico que o fôsem. Além da razão lógica, a razão prática: os cálculos serão simplificados, enquanto a determinação imediata de valores será também facilitada, eliminados os inconvenientes de números demasiadamente grandes para cousas de valor ínfimo — "cem" réis ... uma pequena economia, "novecentos mil" réis. Ainda: deixando de considerar o recolhimento de nosso meio circulante, por isso que estava sendo entesourado, com ameaças à economia nacional, porque diferir dos outros Países naquilo que constitui uma das cousas ligadas à idéia feita pelo estrangeiro de uma nação — a moeda? Porque não

adaptá-la aos padrões comuns? O Cruzeiro em sua divisão, em nada se distancia do dólar, do pêso, do escudo, do franco. Tem a mesma divisão. Veio simplificar o sistema monetário e harmonizá-lo com o dos demais povos que conosco mantêm relações econômicas, facilitando as conversões cambiais e as escriturações de contabilidade.

E a criança em face do Cruzeiro? Seus cálculos serão também facilitados? E os problemas mais rápida e acertadamente resolvidos? Bastaria o cunho específico da novidade, se outras razões não existissem, para agir como um estimulante nos escolares, capaz de, por si, manter um interesse profundo na exploração do conhecimento da nova moeda, do seu histórico, da sua finalidade, do seu comércio. O que é novo suscita nas crianças, pelo forte motivo de ser novo, uma reação mais intensa, mais enérgica, uma mobilização mais vigorosa de sua potencialidade para dominar o desconhecido, ao contrário das situações sempre iguais que levam a um exercício débil, monótono, sonífero.

Foi assim que, tão logo se divulgou o Decreto-Lei que instituiu o Cruzeiro, como unidade monetária brasileira, já pequenos escolares, até mesmo do 2.º ano, se divertiam transformando os resultados de seus problemas em cruzeiros. E faziam-no espontaneamente e se empenhavam em tornar conhecida, especialmente das professoras, a sua participação na atividade que ainda devia ser generalizada. Foi este ambiente de franco acolhimento, de uma atitude mental favorável, que encontraram as instruções baixadas pelo Departamento de Educação, recomendando como objeto de estudo, nas classes de 3.º e 4.º anos, a nova moeda. Entregamos às classes primárias de 3.º e 4.º anos, anexo à Escola de Aperfeiçoamento, um pequeno questionário, a que chamamos o "Jôgo do Cruzeiro". Para as crianças, com a finalidade de saber "quem estaria preparado para fazer transações a partir de 1.º de novembro". E para nós: a finalidade de descobrir as dificuldades que a nova moeda traria ao aprendizado, um trabalho de diagnóstico e indicador, talvez, de diretrizes para o futuro.

Passemos a apresentá-lo. Primeira parte: "Como se chama a nova moeda? Que valor tem comparada à moeda antiga? Quanto vale a sua metade? E a 5.ª parte? E a centésima parte?".

Dos 83 alunos que se submeteram ao questionário, todos conheciam o nome da moeda e o seu valor. Nem todos, porém, cerca de 20 %, acertaram na avaliação da metade, enganando-se na escrita de 50 centavos, ora representada por 0,5 ora por 0,005 ou 0,05, ora caracterizado o engano pela ausência da vírgula, cifrão ou Cr. É interessante notar que as respostas em réis foram freqüentes — 28 % no 3.º ano e 22 % no 4.º ano.

A avaliação da 5.ª parte apresentou 59 % de acertos, enquanto que 72 % dos alunos parecem conhecer o centavo, prejudicando-se o restante, quase sempre, em uma e outra questões, na escrita do número decimal.

Sete problemas orais, de relações simples, dependendo de uma única operação, constituíram a segunda parte do questionário. A simplicidade e a facilidade do material justificam-se diante do nosso propósito: operar com a nova moeda, sem os impecilhos que trazem situações complexas na interpretação de seus fatos.

Enunciemos os problemas. "Compro, em um bazar de brinquedos, 3 bolas de vidro, a vinte centavos. Quanto gasto?".

"Um caderno custa setenta centavos. Outro, um cruzeiro. Quanto custam os dois?".

Mesmo nas respostas erradas, que foram em número de 19 % para o 3.º ano e 15 % para o 4.º, encontram-se todos os algarismos que levariam a uma resposta certa, mal colocados, porém, relativamente à vírgula, omisso o símbolo Cr ou cifrão, ou ambos (Cr \$60 — Cr \$60,00 — Cr060 — \$060 — 0,60 — \$0,60; Cr\$0,17 — Cr\$17,0 — 1,70 — Cr1,70 . . . \$1,70 — Cr\$017,0).

"A oitenta centavos um bloco, quanto custarão 2 blocos?"

"Para uma compra de sessenta centavos, entreguei um cruzeiro. Qual foi o troco?"

"Tenho dois cruzeiros para repartir igualmente entre 4 meninos. Quanto vai receber cada um?"

Nenhum erro de raciocínio se observa. Mas são comuns os erros de escrita, notadamente no 3.º ano — (16,00 — Cr1,60 — \$1,60 — Cr\$160 — Cr 16,00 — \$040 — Cr\$040 — Cr40 — Cr\$040 — Cr\$40; — Cr\$50 — Cr\$0,50 — \$0,50 — Cr\$050 — Cr50,00 — Cr0,50).

E a nossa observação se acentua na 3.ª parte do trabalho, onde alguns números são escolhidos para ditado: cinquenta centavos — um cruzeiro — dez centavos — dois cruzeiros e vinte centavos — cem cruzeiros.

Nenhum deles conseguiu 100 % de acertos. Se se pudesse abstrair o Cr e mesmo o cifrão, diríamos que o número Cr \$2,20 alcançou 90 % de acertos, o que se explica pelo fato de serem mencionados todos os algarismos que o formam, o que não acontece aos outros números ditados que exigem, na sua escrita, zeros que não são pronunciados.

Não chegou a 1 % a dificuldade revelada pelos nossos 83 escolares, na leitura de números.

Dois problemas escritos finalizaram este ensaio, cimentando as primeiras observações:

"Comprei 3 quilos de balas por Cr \$38,60. Paguei com uma nota de Cr \$100,00. Que troco recebi?"

"Os alunos de uma classe fizeram uma festa que rendeu Cr \$120,90. Resolveram deixar 1/3 desse dinheiro para a compra de livros. Que dinheiro ficou para a compra de livros?"

E' interessante verificar que quase a metade dos alunos preferiu substituir, nos cálculos escritos a nova moeda pela antiga, chegando a uma solução certa. Explica-se a formação de um novo hábito é sempre mais fácil que a formação de um outro igualmente novo, mas que venha ocupar a posição de um antigo já fortemente enraizado. As perguntas das crianças durante o questionário — "Posso escrever em mil réis para depois transformar em cruzeiro?" "Posso tro-

car os números dos problemas?" Posso tirar a prova com o mil réis?" e outro: "Quando ouço falar em cruzeiro, fecho os olhos para pensar em mil réis" — comprovam que os cálculos nesses primeiros exercícios são pensados em mil réis. Demais, estavam as crianças trabalhando com a moeda ainda não conhecida realmente. Uma vez em circulação, os cálculos serão facilitados.

Tiremos algumas conclusões práticas:

1.ª) A leitura da nova moeda é mais fácil do que a escrita. A escrita não acompanha a linguagem oral, isto é, as imagens escritas não correspondem, na mesma sucessão, as imagens mentais. Assim é que dez cruzeiros equivalem na escrita a cruzeiro, cifrão, 10, com o acréscimo de uma virgula e dois zeros. Isto que ao adulto passa despercebido, não o passa, porém, para a criança que vive um mundo de realidades, um universo a que ela empresta toda a sua crença. "Se a palavra "cruzeiro" é mencionada depois de enunciado o número, porque, na escrita, deve vir antes?" argumenta a criança.

2.ª) O cifrão, símbolo do real, seguido sempre de três algarismos, na moeda antiga, é outro fator negativo nas operações de soma e subtração, como causa de erros na colocação dos números, porque as crianças, levadas pelo hábito, entendem de escrevê-los correspondendo-se e seguidos imediatamente do primeiro algarismo da importância. E' a virgula e não o cifrão que vai regular a colocação dos algarismos.

3.ª) O conhecimento do número decimal deve ser dado em período anterior ao que determina o atual programa primário.

Parece-nos aconselhável limitar os cálculos do 1.º ano primário aos centavos ou a um cruzeiro, no máximo. E no 2.º ano, a 5 cruzeiros, simplesmente, deixando ao 3.º e ao 4.º anos, um programa mais desenvolvido.

O atual programa de aritmética, pelo menos neste primeiro ano de substituição da moeda, deveria ser diminuído em extensão, para ganhar em profundidade. "Pouco, bem feito, vale infinitamente mais que muito, mal feito". Aquê-lo pouco deixará vestígios pelas idéias que forma. Aquê-lo pouco, bem feito, fará pensar. Aquê-lo pouco preparará melhor a criança para cálculos mais seguros. "Ensinar pouco, mas ensinar bem". Dar tempo para que as crianças formem idéias, para que usem idéias, para que as idéias enriqueçam a sua vida de ação. Dar tempo para que o aprendizado seja funcional e não memorização de fatos anestesiados pela incompreensão ou mesmo treino de habilidades escolhidas segundo o critério de uma aplicação remota ou de um mais tarde possível. Que o aprendizado se transforme em instrumento para novas soluções ou aplicação aos problemas de cada dia: resultado de um processo efetivo baseado na experiência.

A instituição do cruzeiro veio trazer motivos que podem ser explorados em situação real e atual, em nossas escolas primárias, evitando o aprendizado da matéria pela matéria. E sim o aprendizado em termos de seus valores, em relação ao seu maior ou menor coeficiente de estima na vida real. Assim é que poderíamos os nossos escolares aprender as fases sucessivas por que tem passado a moeda na sua evolução e o seu verdadeiro sentido que é o de mercadoria de curso geral ou mercadoria usada como equivalente nas permutas, na circulação das riquezas. A princípio, utilizados os produtos mais familiares e, mais tarde, o uso de metais pesados.

"O meio circulante brasileiro será constituído por moedas metálicas e cédulas", diz o decreto. Porque não levar as crianças à interpretação das cédulas e mesmo das moedas, com as suas características imutáveis? É a cédula de dez cruzeiros que tem como motivo a Unidade Nacional, representada pela effigie do nosso Presidente. É a de vinte cruzeiros representando a Proclamação da República. Lei Áurea, Cultura Nacional, Grito do Ipiranga, Abertura dos Por-

tos são tantos motivos que enchem as outras cédulas e que trazem figuras caras à nossa História. Até mesmo o diâmetro das moedas — 23, 25, 27 milímetros — seriam outros recursos para a prática das medidas. Os problemas reais sobre a cunhagem das moedas e sobre a proporção estabelecida como necessária ao meio circulante dariam margem a experiências significativas não menos interessantes.

E assim, numa unidade ativa, sugerida e entrelaçada pela nova moeda — o cruzeiro — far-se-ia um trabalho, a um só tempo concêntrico e irradiador de novos interesses, enriquecido pela diversidade de aspectos — uma expressão viva de que para facilitar o desenvolvimento da criança "os diversos ramos do ensino devem apoiar-se e sustenter-se reciprocamente."

ALDA LODI

PALAVRAS DE MESTRES

A capacidade humana de aprender, isto é, o poder de reter de uma experiência alguma coisa com que se poderá transformar a experiência futura — é, de sua natureza, indefinida. O homem não aprende por uma necessidade que, satisfeita, faça desaparecer aquela capacidade. Aprender é, muito pelo contrário, uma função permanente do seu organismo, é a atividade pela qual o homem cresce, mesmo quando o seu desenvolvimento biológico de há muito se completou. Essa capacidade de aprender permite uma educação indefinida, um indefinido crescimento. Tal crescimento é naturalmente muito mais visível na infância, onde tem o seu máximo de intensidade, mas nem por isso deixa de perdurar por todo o período da vida.

ANÍSIO TEIXEIRA

Todos os estudos se subordinam ao crescimento da criança: só têm valor quando servem às necessidades desse crescimento.

JOHN DEWEY

Depoimento de um professor rural

TABAJARA PEDROSO

O ano de 1918 foi dos mais acidentados por que passou o povo brasileiro: a guerra no seu clímax e o Brasil nela envolvido; o café a três mil réis a arroba; crise financeira e carestia de vida; as fábricas meio paralisadas, trabalhando um dia sim, um dia não; os trens escassos e alternados; a peste da manqueira assolando o gado; vários incêndios devorando léguas de mato no sertão; a geada da noite de São João, que privou os fazendeiros de oitenta por cento das suas colheitas, durante dois anos; e completando tantas calamidades, a gripe espanhola, a mais terrível epidemia que se registrou até hoje no país.

Passé êsse ano como mestre-escola numa fazenda de café. Como bagagem intelectual carregava um curso ginasial bem feito e um ano de engenharia; como base profissional, a prática oficial, durante seis meses, num grupo escolar, seguida dos indispensáveis exames de pedagogia e música numa escola normal. Interessante é lembrar que, sendo desentoadado, aprendi a tocar bandolim com o objetivo de conhecer teoria musical. Só assim pude enfrentar o terrível exame e obter o título de normalista.

A fazenda do Pulador, onde fui dar com os costados, era uma grande propriedade agrícola de quatro mil alqueires de terra, quinhentos mil pés de café e cem famílias de colonos. O gerente, que residia na sede, imenso e confortável casarão, proporcionou-me excelente trato. Ali vivi em família.

Deram-me por prédio escolar uma velha tulha de madeira. Uma comprida mesa, dois longos bancos, quadro-ne-

gro e luz elétrica, tal era a sala de aula. Quarenta e três alunos. As idades variavam entre os 8 e os 45 anos. Todos analfabetos. Os sotaques eram quase indefinidos. Podia estabelecer-se uma escala glotológica através de todos os dialetos novi-latinos. Havia de itálicos desde o albanês do sul, pleno de sons duros e roídos, até o cantante e agradável picomontês. Também os dialetos hispânicos e portugueses. Do tra-montano, delicioso e arrastado, ao sincopado ilhéu, cuja entonação doía nos ouvidos pela gritante monotonia. Caipiras mesmo, muito poucos.

O primeiro mês de trabalho foi, sem dúvida, o mais difícil. Eu não podia tratar o Oronzo Costa ou o Léllo Paschoale, de mais de 40 anos, do mesmo modo que lidava com o pequeno Abel Suntuoso, de 8 anos apenas. Cartilha Arnaldo Barreto e método analítico-sintético. Nada de preli-vros. Pequenas ardósias e estiletos rinchantes para a aprendizagem das contas.

Logo percebi a impossibilidade de aulas coletivas diante de tanta heterogeneidade. Organizei, então, dois grupos: os meninos, em número de 28, pela manhã; os homens, que eram quinze, à noite. Não havia aulas aos sábados. O primeiro período do ano letivo ia de 15 de fevereiro a 10 de maio. O segundo, de agosto a dezembro. A interrupção de três meses no meio do ano justificava-se com a colheita do café, trabalho para o qual a fazenda precisava de todos os braços, grandes e pequenos.

O aproveitamento desses alunos foi espantoso. Vontade não lhes faltava, nem inteligência. Os homens, que estudavam à noite, conseguiram melhorar a prosódia e escrever satisfatoriamente. Três deles, dois italianos e um pretinho de 23 anos, aprenderam até juro e noções de geometria. Tudo num ano. Tornaram-se importantes. Um deles, Nicola Addario, hoje próspero fazendeiro na "Noroeste", me escreveu há pouco tempo atenciosa carta, atribuindo ao meu esforço toda a sua prosperidade. Lembro-me que a geografia era a local, estudada mediante esboços traçados no quadro-negro. Os meninos todos aprenderam pelo menos a ler.

Com êles organizei um pequeno clube agrícola, talvez o primeiro que se fez no Brasil. Horta, jardim e galinheiro. Cada semana três alunos se encarregavam dos trabalhos. Havia um tesoureiro e um secretário. Os resultados da horta, principalmente, foram magníficos. Deram para a aquisição de uma estante e de muitos livros. Organizei, ainda, com os homens, um clube de futebol e um grupo musical. Um deles era hábil sanfoneiro e dois tocavam regularmente o violão. Ensinei aos meninos, com o auxílio do bandolim, alguns hinos escolares.

As férias de meio do ano pouco nos valeram. Tivemos nesse período grandes trabalhos e apreensões. Na colônia velha apareceu o tifo. Os dois primeiros doentes morreram. Nada menos de 30 casos, todos gravíssimos. Improvisamos um pequeno hospital numa casa isolada. Lá passei várias noites. Vacinamos toda a gente da fazenda. Seis alunos estiveram doentes e dois outros foram ótimos auxiliares. Aquela gente não compreendia nada. O doente, mal se via livre da febre, queria comer de tudo. Um médico especialista, vindo de São Paulo, mandou examinar as fontes de água. Descobriu-se num dos poços da colônia uma cabra morta. Cessando a causa, não houve novos casos. Depois, a gripe. Na fazenda, no entanto, nada houve de grave. Isolada da vila e prevenidos os colonos, não houve contágio.

Mas o ano de 1918 findou-se de modo extraordinário, justificando o velho ditado que "depois da tempestade vem a bonança". A guerra acabou. O café subiu, por causa da geadas, a 120 mil réis a arroba.

Aprendi muito durante essa minha atividade rural. Muito mais do que nas dezenas de livros que tenho lido sobre o assunto. Quando rejeio o meu fichário, sempre tiro a conclusão de que o Brasil somente será uma grande nação quando um ensino rural, típico e perfeito, atingir todo o interior. Por melhores que sejam as escolas urbanas, por mais cultos que sejam os brasileiros das cidades, a grandeza e o futuro da Pátria continuam nas mãos dos lavradores.

TABAJARA PEDROSO

O lar e a escola

OSCAR ARTUR GUIMARÃES

A escola pública primária recebe alunos de todos os níveis e de todas as classes sociais. O seu efetivo constitui-se, em grande maioria, de crianças pobres. Essas, alimentam-se mal, dormem mal, vestem-se mal, não conhecem preceitos de higiene. São crianças fracas, raquíticas, desanimadas, tristes.

Muitas dessas pobrezinhas vão para a escola sem ter tomado nenhum alimento. Nem mesmo o clássico café, a bebida popular de outros tempos, e que tem hoje foros de aristocracia.

Assim, com o estômago vazio, vencem essas infelizes o período escolar do dia, sabe Deus com que sacrifício. E é com esforço redobrado que conseguem realizar a parte mínima das tarefas escolares.

O trabalho de educação com essas crianças é muito penoso e pouco compensador em resultados. Elas não podem alcançar o ritmo de trabalho das outras crianças, porque lhes falta a resistência física, falta-lhes o ânimo, faltalhes o entusiasmo vivificador das energias. São, muitas vezes, em consequência de seu estado psico-físico, irrequietas, instáveis, indisciplinadas, criando embaraços à boa marcha dos trabalhos escolares. Retardam-se, quase sempre, nos estudos, e, por isso, o curso que conseguem fazer é mais oneroso para a escola.

Ressalta, daí, a necessidade de atentar, com o maior carinho e zelo, para a situação dos escolares pobres. É preciso, a todo custo, melhorar-lhes as condições de vida, com o fim de aumentar-lhes a capacidade de trabalho, para maior proveito educativo.

A escola, por sua parte e na medida do possível, está procurando atender às necessidades de assistência e amparo aos alunos pobres, através das instituições que vem incorporando à sua organização.

Dentre as instituições escolares destinadas àquele fim, contam-se já as caixas escolares e as cantinas.

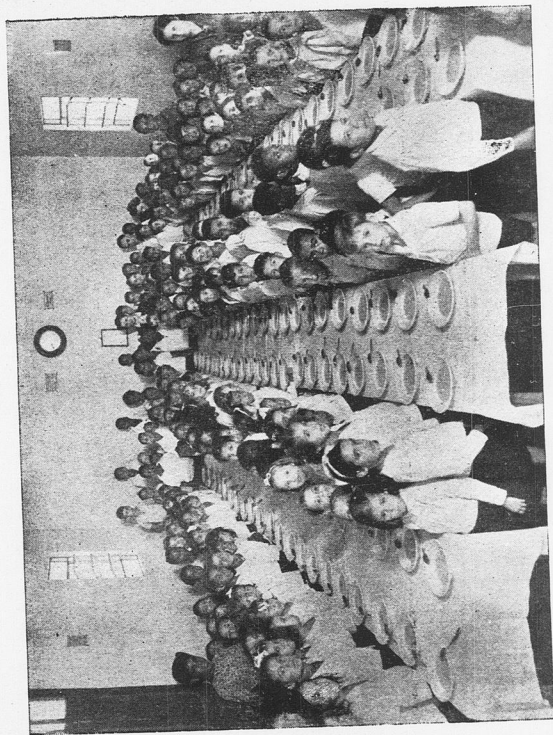
As caixas escolares já se organizaram há muito tempo e vêm prestando, aos escolares pobres, valioso serviço de amparo e proteção, fornecendo-lhes merenda, vestuário, medicamentos e material escolar. É uma instituição modesta, no anonimato em que vive. Grandiosa, porém, na obra que realiza e nos benefícios que tem proporcionado.

As cantinas escolares são instituições mais novas, entre nós. Mas contam-se já em grande número, disseminadas pelo Estado.

O objetivo primordial das cantinas é dar assistência alimentar aos alunos pobres. Mas não se limita ao ato de distribuir alimento aos necessitados. Estuda-lhes as necessidades orgânicas, procura-lhes a alimentação mais sadia, adequada, racional. Instrui sobre os princípios de seleção dos alimentos. Supre, ao mesmo tempo que educa para a alimentação.

Sabe-se que não é apenas a carência ou escassez de alimentação que produz os desnutridos. Mas também a falta de seleção, de variedade, de preparo adequado das substâncias.

Não basta comer muito. É preciso comer bem. E comer bem, quer dizer, comer o necessário, não apenas em dosagem quantitativa, mas, sobretudo, em dosagem qualitativa. Dosagem que se subordina às condições orgânicas individuais, às condições do meio, às exigências do trabalho.



Hora de refeição na Cantina "Teófilo Santos", do Grupo Escolar "Bernardo Monteiro", da Capital.

Por isso é que se estabelecem, cientificamente, cardápios especiais para certos e determinados climas, cardápios destinados aos escolares, aos intelectuais, ao trabalhador rural.

A função educativa das cantinas consiste em instruir sobre a qualidade e a função dos alimentos, sobre princípios de alimentação racional. E, ainda, sobre as boas maneiras de comer.

É certo que o nosso povo, em sua maioria, se alimenta mal. E isso, porque desconhece os princípios mais elementares que regulam a boa alimentação. Em regra, a escolha dos alimentos é determinada pelo paladar ou pela facilidade de aquisição dos gêneros. Come-se aquilo de que mais se gosta e o que mais facilmente se adquire. As necessidades orgânicas ficam esquecidas, quando são estas, justamente, as que deveriam merecer maior consideração, no ato de escolha.

Alimentar-se não é apenas encher o estômago. É fornecer-lhe para o trabalho de digestão e assimilação as substâncias de que o organismo tem necessidade para crescer ou para reparar os desgastes produzidos pelo dispêndio de energias no trabalho ou no simples ato de viver.

A fome não deve ser considerada apenas como índice de falta de alimento no estômago, mas como manifestação de uma exigência orgânica. E, se bem que essa exigência não vem especificada, caso que só acontece às vezes e em condições muito particulares, ela deve ser sempre posta em termos de seleção.

As crianças que passam pelas cantinas, as que, realmente, sentem e experimentam os seus efeitos educativos, ficam habilitadas a praticar, a transmitir e a difundir os princípios da boa alimentação.

Propondo-se realizar obra tão grandiosa e meritória, obra de alcance social e humanitário, merecem as cantinas escolares o apóio, o amparo e o concurso de todos.

A poesia na escola

EURÍDICE FERNANDES

PROFESSORA DO GRUPO ESCOLAR "BARÃO DE MACAÚBAS"

Num inquérito realizado por Clapp sobre as qualidades indispensáveis ao bom professor, ficou colocado em primeiro lugar o acolhimento.

Acolher não é apenas receber com um gesto suave ou uma palavra delicada. O importante é acolher também o coração de nossas crianças, compreender e tomar parte nesse mundo maravilhoso que existe na alma de cada pequenino.

E não conheço caminho mais rápido para chegar ao coração de uma criança do que a história ou a poesia.

A emoção vivida em comum nos faz mais íntimos, une alunos e professora com o laço forte da confiança e perfume o trabalho escolar com a encantadora flor da alegria.

A alegria é a varinha mágica de nossa sala de aula. Cada toque de alegria é um verdadeiro milagre: aqui, é um menino que procura externar o seu prazer, melhorando a letrinha incerta; ali, é outro que o amor à escola torna assíduo; mais adiante, é um que se esforça, e, além, a classe toda que reage.

Em troca de todo o nosso amor e de todas as nossas renúncias, pegamos apenas ao Senhor esta preciosa recompensa: a pura, a abençoada alegria de nossas crianças!

Da lida de todo dia, numa classe de 3.º ano, guardei proveitosas experiências sobre a influência educativa da poesia.

Não resta dúvida que essa influência se faz sentir mais diretamente na linguagem oral e escrita.

As composições enriquecem-se a olhos vistos depois do estudo de cada poesia: o vocabulário torna-se mais variado, a pontuação mais precisa e as idéias mais bem organizadas.

Lembremos aqui o valor da poesia onomatopaica, que dá tanta graça e vivacidade às composições. Ainda ontem, uma aluna começou assim uma história:

"Toc-toc. Estavam batendo com força".

Convém não esquecer a importância do "caderninho de expressões bonitas", onde fiquem registrados as imagens graciosas e os pensamentos mais belos.

A poesia auxilia vantajosamente a leitura oral: torna-a mais harmoniosa e expressiva e manifesta sua influência no calor de uma exclamação ou no vago indefinido das reticências.

Quando iniciamos, em classe, o estudo dos adjetivos qualificativos, nem todos os alunos conseguiram logo distingui-los com segurança.

Lembrei-me então da primeira estrofe da poesia "Plutão", que fôra recebida com geral entusiasmo.

"Negro, com os olhos em brasa,
Bom, fiel e brincalhão..."

Foi o bastante. A qualquer dúvida, logo se lembravam depressa do "bom, fiel e brincalhão" e a dificuldade era vencida com galhardia.

"Plutão" é das poesias que mais agradam às crianças e ilustra de modo sugestivo a fidelidade do cão, motivo de estudo para as classes do 3.º ano.

Além dessa, outras oportunidades o programa em experiência nos apresenta de aliar com proveito a poesia à História, às Ciências Naturais e à Geografia.

Tôda a história da Conjuração está escrita nos versos sentidos de "Bárbara bela": o heroísmo dessa mulher singular, Alvarenga, os longos anos de prisão, o degrêdo, Tiradentes... Os alunos quiseram saber de tudo, comoveram-se e exaltaram-se, vibrantes de patriotismo.

"A Cruz da Estrada" encerra outra página inesquecível e toca bem fundo a infância generosa, com o seu clamor de fraternidade.

No estudo das aves, são preciosas as palavras comentadas do "Pássaro Cativo". E é tão fácil à professora chamar a atenção da classe para a beleza dêsse trecho:

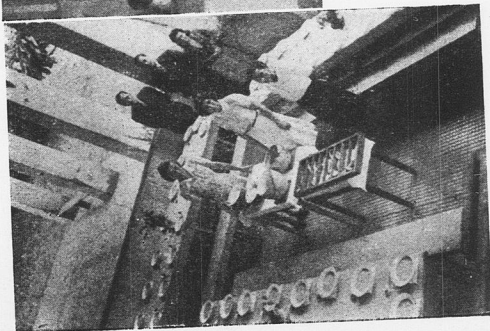
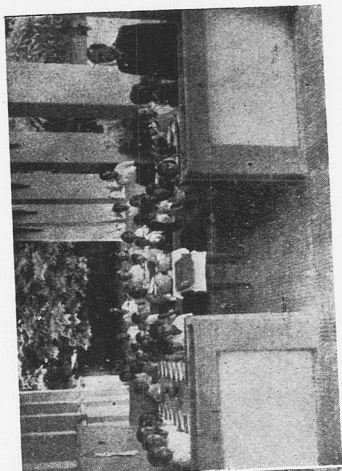
"Não quero a tua esplêndida gaiola,
pois nenhuma riqueza me consola
de ter perdido aquilo que perdi".

Quem chega até aí, vai com certeza narrar o auxílio que os passarinhos prestam à agricultura, devorando por dia uma quantidade espantosa de insetos e vermes nocivos. Nem precisa falar mais claro. Basta sugerir.

Não se pode falar dos bandeirantes, sem lembrar os perigos que êsses heroicos desbravadores do sertão enfrentavam e as lendas ingênuas dos índios supersticiosos, tão do agrado da imaginação de nossas crianças. Por certo, tôdas elas encontrarão prazer nos versos brejeiros do "Saci-Pererê".

Perguntando a uma de minhas alunas qual era a sua poesia preferida, ela respondeu logo: "Pátria", de Bilac, e, depois de refletir um pouco, concluiu com estas palavras encantadoras: "Porque conta as grandezas de nosso querido Brasil".

Afora auxiliar poderosamente as demais disciplinas, a poesia desenvolve o amor da Pátria, desperta o gosto pela



Grupo Escolar "Elbeito Junqueira", de Leopoldina. — Distribuição de sopa aos alunos pobres

natureza, o sentimento artístico; educa os sentidos, aprimorando o ouvido e a voz; combate a timidez, tornando as crianças desembaraçadas e sociáveis.

E, acima de tudo, forma o coração. No mês de junho, trouxe para a sala de aula o belo livro de poesias infantis: "A estrêla azul", de Murilo de Araujo. Li uma poesia simples e delicada — "Manhã de chuva", que fala de passarinhos molhados, de florinhas que deviam ter um manto e de meninos pobres que passam pelos caminhos.

Logo depois, uma aluna lembrou que tinha em casa um casaquinho usado e podia trazê-lo para alguma coleguinha que não tivesse agasalho. Outro propôs que cada um poderia trazer um tostão por semana e se comprasse com esse dinheiro um cobertor para algum menino pobre da Cidade Ozanam.

Tôda criança gosta de poesia. Se, muitas vêzes, interpreta uma poesia sem expressão, é porque não compreendeu ou porque ela está fora de sua experiência e de seu interesse.

As preferências dependem do desenvolvimento intelectual, da idade, do sexo, do temperamento, da sensibilidade e do meio social.

As poesias sentimentais são acolhidas com maior entusiasmo. "A cruz da estrada", "Bárbara bela" e "Plutão" foram as preferidas em 1945.

Perguntando a um menino de 10 anos por que não gostara de certa poesia, êle me respondeu: "porque não é saudosa, não é triste".

As rimas agradam às crianças e os versos modernos são recebidos com menor simpatia.

Há tempos, estudamos uma poesia sôbre o cão, de Afonso Lopes Vieira, que, embora sugestiva, não conseguiu impressionar à maioria dos alunos. Quase todos a acharam "sem graça" e, finalmente, um dos menores e mais esperpotos falou bem alto: "não gosto, porque não é entoada".

Se a criança sentiu e compreendeu a poesia, é, por força, capaz de interpretá-la com expressão. Mas, em vez de gestos padronizados, que a voz seja agradável e clara e que a fisionomia se ilumine da emoção interior.

A poesia coloca ao alcance da criança uma grande fonte de felicidade.

Trazendo-a para as salas de aula, estamos realizando o belo ideal de tornar a criança mais rica em experiências, melhor e mais feliz.

EURÍDICE FERNANDES

PALAVRAS DE MESTRES

O horário que isola noções, como coisas autônomas e independentes, pressupõe a possibilidade, por parte do educando, de aplicar em tempo oportuno e com justeza, na solução de casos ocorrentes, os conhecimentos acumulados durante o currículo. A experiência de todos os mestres mostra que essa suposição não se traduz em realidade: falham na prática os elementos que foram adquiridos fora dela. "Eu me esqueci..." "eu sabia mas não me ocorreu...", "em apuros, de nada me lembrei...", e o curso dos acontecimentos não sofre assim o controle do preparo prévio que a escola orientou em longos anos de estudo. E' que os alunos ficam sabendo leis de física e de química, regras de moral e de civismo, sem que essas leis e essas regras interferiram com fenômenos e fatos que eles defrontam a vida ordinária. Ficaram sabendo, mas não foram elas repetidamente aplicadas pelos educandos no esclarecimento de situações em que se acharam, na resolução de problemas que circunstâncias várias lhe propuzeram. A isto conduz, é bem claro, um arranjo de aulas que se sucedem sem obedecer ao censo de continuidade de uma vida em desdobramento, sendo originado em contacto com fatos sociais ou com fenômenos e coisas da natureza.

João TOLEDO

Palestra sôbre o reflorestamento

DANIEL ANTIPOFF

(ORIENTADOR-TÉCNICO EM DOIS CLUBES AGRÍCOLAS)

"Enquanto os outros derrubam árvores, formemos os futuros bosques".

1. Voltei domingo da fazenda!

Imagine Pedrinho, faz justamente 10 anos, que fui lá pela última vez. Achei as coisas bem mudadas!

Você se lembra daquêlê morro, daquela ladeira ao pé da qual passa o córrego da fazenda?

Você não se recorda de uma bica?

Lembra-se? Pois bem, antigamente, isso tudo era bem diferente:

ANTIGAMENTE, o morro estava cheio de árvores, altas e frondosas. Havia angicos, cedros, jacarandás. Havia sucupira com flores azuladas, jacaré, fôlha miúda, peroba. Encontravam-se até pés de jatobá, cuja fruta, certamente, você deve gostar de comer.

ANTIGAMENTE, de baixo das árvores, havia uma sombra profunda. Quando soprava um ventinho delicado, eu gostava de ouvir o sussurro das frondes altas.

Sempre me lembrarei daquêlê tapete de fôlhas caídas, que formam verdadeiras camadas, macias.

Você, Pedrinho, nunca levantou um daquêlê montes de fôlhas apodrecidas, já pretas, e que vão formando o que se chama o humus da terra?

A terra, geralmente, logo por baixo das camadas, é macia, cheirosa e, quanto mais antiga fôr a mata, maior será a espessura dessa terra, boa para culturas.

Apesar de ser morro, aquela encosta, coberta de árvores, ANTIGAMENTE desprendia bastante umidade. Nos dias de calor, sentia-se cada árvore transpirar e exalar através de suas folhas a umidade chupada do solo. Havia, pois, maior evaporação. A mata era uma espécie de reservatório de umidade, como aliás o mar e nos dias de efervescência atmosférica, todos estes vapores no ar, se condensavam em chuvas.

Quando caía uma daquelas chuvas boas, a água se infiltrava logo no chão. Ela reaparecia em baixo do morro em fontes numerosas. A bica de que falamos, fornecia muita água. A gente enchia a lata num instante.

Tudo estava verde: as serras, os morros, os vales.

As baixadas não ressecavam como acontece hoje, desde os meses de junho, julho, e as culturas, com menos trato, eram boas.

HOJE, as coisas, no campo, estão bem diferentes.

Quando domingo, estive na fazenda, conversei com Seu Maneco. Já envelheceu bastante! Coitado!

Seu Maneco também acha, que HOJE as chuvas começam mais tarde, fazem-se mais raras. E' só no fim de outubro que começa a chover um pouquinho. Antigamente, já em setembro as chuvas refrescavam bem as terras.

HOJE, os plantios começam-se tarde, em fim de outubro, em novembro. O próprio Maneco, hoje, dia 3 de novembro, não acabou o plantio do milho.

Nas colheitas, as plantas não carregam, a não ser com uma forte adubação.

As estradas, de um momento para outro, ficam intransitáveis. Os lugares baixios são recobertos de bancos de areia. Esta areia, estéril, invade os campos de lavoura e prejudica muito as plantações.

Assim, encostas, vales, baixadas desprotegidas, tudo fica sob a ação destruidora da erosão.

2. *Então Pedrinho, que se pode concluir disto tudo?*

E' simples, faltam árvores.

Com efeito, a mata, as árvores crescendo nas ladeiras mantêm a umidade no campo, quer seja na terra de onde

surgem as fontes e os córregos, ou seja na atmosfera, o que então favorece o crescimento das plantas cultivadas e, portanto, a vida do homem.

Diminuindo as árvores, diminui também a umidade da atmosfera. Há menos chuvas. As poucas que caem, aparecem tarde, o que atrasa os plantios, do milho por exemplo. Entretanto, as colheitas continuam se realizando na mesma época. Conclui-se então que as culturas sofreram uma redução nas suas semanas de vida. A consequência disto é que as plantas carregam menos, obtém-se uma grande percentagem de produtos raquíticos inferiores. O lavrador leva prejuízos e desanimado abandona a lavoura.

Quais são os responsáveis por isto? Os homens que derrubam as árvores.

Não havendo árvores, quando por acaso uma chuva cair sobre as encostas desnudadas, formam-se enxurradas, que carregam tudo em sua passagem. Sua velocidade é tão forte, que só se infiltra uma pequena quantidade de água no chão. Do mesmo modo a terra solta e fértil é também arrastada por essas enxurradas. O morro fica pelado. Mas crescem as pastagens, expostas às águas arrasadoras que deslizam. Nada então resiste à erosão.

3. *Como neutralizar os efeitos da enxurrada que tanto prejudica o trabalho do campo?*

As árvores, os bosques resolvem muito bem o problema da erosão. Com efeito, a presença de árvores torna fôfa a terra que está à sombra delas. E' então que a água da chuva, mesmo nas ladeiras, acha um meio de se infiltrar, auxiliada nessa infiltração pelos troncos, pelo emaranhado de galhos e folhas caídas, que quebram as enxurradas.

4. *Devemos pois reflorestar, nós os jovens e vocês meninos de Grupo, que vão compreendendo o perigo das derrubadas.*

REFLORESTAR é o verbo que deve ser lembrado não só agora nessa época do ano, própria ao plantio das árvores, como nestes tempos que atravessamos.

Nesses tempos difíceis de hoje, onde cada um procura ajudar o país, procura mostrar seu amor à pátria por uma

ação concreta, vocês, meninos de Grupos, já poderão prestar um grande serviço ao país que amam, PLANTANDO ÁRVORES.

Devemos, pois, encher as ladeiras acidentadas com vegetação, com árvores cujo plantio seja bem compensador.

Você, meu Pedrinho, que conhece bem a vida na fazenda, me objetará: "... e pastos para o gado, ... nas encostas ... ? também estarão cheios de bosques?". — Certamente, convém conservar os pastos e até melhorá-los. Será melhor, todavia, cercá-los de árvores, cuja sombra será benéfica às criações.

Quem não acharia conveniente, econômico e até bonito, um pasto cercado de fileiras apertadas de ciprestes ou de eucaliptos majestosos? Os troncos dessas árvores serviriam ao mesmo tempo de moirões a uma cerca de arame.

Não. O homem não pode apenas derrubar, sem escrúpulo e às vezes, com crueldade, as árvores jovens ainda.

5. Já adivinho sua objeção: "mas afinal, o homem tem ou não tem o direito de aproveitar as matas que Deus lhe deixou?"

Certamente, o homem deve aproveitar tudo o que está ao seu alcance, aqui na terra. Ele deve, contudo, pensar que não está só. Outros, filhos, netos, a ele sucederão. Não devemos parecer com um certo rei de França, que dizia:

"APRÈS MOI, LE DÉLUGE (Depois de mim, o dilúvio). Pelo contrário, devemos sempre enaltecer o país que nos protege, melhorar as condições de vida e aumentar as suas riquezas.

6. *A madeira é, de fato, uma grande riqueza.*

A própria história do Brasil evidencia o quanto Portugueses, Holandeses, Franceses cobiçavam as madeiras que de longe vinham buscar. Quem não se lembra da caça ao Pau Brasil?

Até hoje, quantas aplicações da madeira não achou a ciência?

E' a madeira a matéria prima empregada nos estaleiros e em tantas outras indústrias de construção, na marcenaria,

ria, nas artes decorativas, utilizando aquelas madeiras preciosas, de cores vivas, como as madeiras do Paraná.

E' a madeira que se aproveita no fabrico da pasta de papel, feita de celulose. E' ainda da madeira que se tira a celulose, empregada na indústria do filme, no fabrico de certos explosivos, na obtenção da seda artificial.

Como é sabido, a madeira constitui o combustível mais usado, quer seja sob a forma de lenha, de carvão vegetal, de gás combustível como o gasogênio.

Inúmeras aplicações tem a madeira, em medicina, em química. E' dela que se tira a essência da terebentina e que permite a obtenção do alcatrão, do breu, do piche. Na indústria do curtume, é a casca do barbatimão que é aproveitada...

De certas árvores como a mangabeira, maniçoba, seringueira, tira-se o látex, que é a matéria prima da borracha.

7. Serão maniçobas e seringueiras que iremos plantar? Não, para nós, aqui no centro de Minas, não serão essas as variedades mais convenientes.

O que nos interessa aqui, são as variedades que crescem depressa, fornecem lenha e madeira de lei.

Estas boas qualidades, pouco a pouco, desaparecem, pois as derrubadas eliminam justamente as árvores adultas, que produzem sementes. Pelo contrário, as espécies sem muito valor, que se desprezam para o corte, são as únicas que se reproduzem.

De qualquer modo, o meio proporcionado pela campina devastada, nunca oferece para as sementes delicadas um ambiente favorável: o chão torna-se duro, pois fica exposto ao sol causticante, o que não acontece quando uma semente cai entre as árvores de um bosque sombrio e provido de alguma umidade.

8. *De onde vamos obter as sementes das nossas variedades florestais?*

Podemos conseguir sementes de boas variedades em serviços especializados e criados pelo governo. São sementes selecionadas e de resultados econômicos ou estéticos para o cultivo.

O melhor talvez seja que nós mesmos procuremos as sementes. Existem ainda representantes dessas espécies de valor e que o homem não teve tempo, aem coragem de derubar. São árvores isoladas, ou escondidas na capoeira. Entremos nela e apanhemos essas sementes, observando e aprendendo a vida magnífica que lá se passa.

9. Como apanhar nós mesmos as sementes?

Como pudermos, na árvore ou no chão.

Quando fôr no chão.

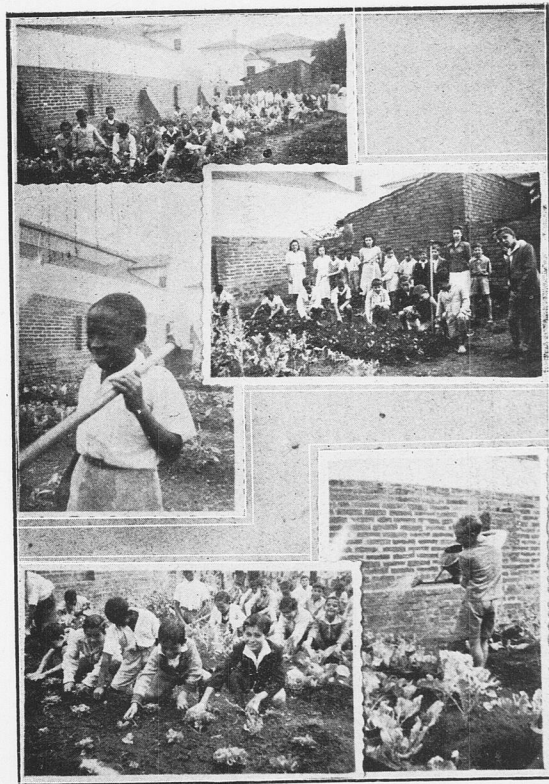
Tomemos o cuidado de não catar as sementes já danificadas pelos insetos. E', pois, importante verificar se a casca da fruta (quer seja vagem ou fruta carnosa) não tenha sido perfurada por um inseto. O furo geralmente é marcado por um pontinho escuro. E' serragem ou qualquer substância lá colocada, quando o inseto, para fazer a postura, se techa dentro da fruta. As vezes existe simplesmente um tuco indicando que o inseto, sob a forma larval, já devorou tudo que podia comer. A semente, neste caso, desprovida do seu amido e do embrião, perde o poder germinativo.

Agora, quando a semente fôr na árvore:

Só devemos empregar sementes maduras. De fato, se as deixarmos amadurecer no pé, ao catá-las, só encontraremos o invólucro. A semente, ela mesma já terá caído. Convém então, poucos dias antes de amadurecer completamente, apanhar as frutas e esperar mais alguns dias. Se a fruta fôr deiscente, em pouco tempo abrir-se-á, soltando as sementinhas, como acontece com o eucalipto. Se a fruta não se abrir por si só, convém então quebrar o invólucro protetor e tirar a semente, como acontece com o jatobá.

Não nos esqueçamos de limpar e secar bem a semente, para evitar que mofo ou apodreça.

Com efeito, a semente pode ser envolvida numa mucilagem. Uma penugem também pode recobri-la, como se vê na paineira. Assim, com o auxílio de cinza, de cal, consegue-se tirar êste tegumento protetor, susceptível quando apodrece, de prejudicar o interior da sementinha.



Atividades agrícolas no Grupo Escolar "Barão de Guaxupé", da Cidade de Guaxupé

Uma vez bem lavada, bem limpa, convém deixá-la secar por alguns dias, à sombra.

Esta operação é útil, pois acontece, às vezes, que se tem de guardar as sementes durante meses.

Conservadas, porém, mais de ano, elas se tornam defeituosas.

10. *Quando é que se plantam as sementes?*

Depende do modo como a gente as planta.

Se o plantio fôr DIRETAMENTE no lugar definitivo de reflorestamento, devemos preferir os meses de chuva — outubro, novembro.

Se o plantio fôr INICIADO numa SEMENTEIRA, da qual teremos de retirar mudinhas de pouca altura, convém plantar desde os meses de agosto, setembro. O que é preciso, é terem-se mudas desenvolvidas, quando a terra estiver molhada pelas chuvas, o que se dá em novembro.

11. *Como fazer o plantio DIRETAMENTE no lugar definitivo?*

O que decide o semeio, são as espécies — que se plantarem. Caso as sementes sejam grandes, pode-se tentar o plantio direto, como acontece com as sementes do pinheiro.

Vamos ver como se pode realizá-lo sem dificuldade.

Você mesmo, Pedrinho, com sua turma do Grupo Escolar, achará fácil este plantio.

Vamos, pois, supor que vocês queiram reflorestar uma ladeira limpa, sem vegetação alta, rasteira.

Assim, aguardam um dia, após a chuva, como o de hoje, por exemplo. Já se tem em mente a variedade florestal. Sabe-se o espaçamento que se vai deixar entre as fileiras de árvores e entre cada pé da mesma fileira. Sabe-se a quantidade de sementes em Kgs., de que se vai precisar, para reflorestar uma determinada área, e o número de sementinhas que se deve colocar em cada cova.

Vamos comentar estes pontos, tendo-se em vista obterem-se árvores de qualidade, altas, retas, uma em cada cova e desperdiçando menos terreno possível.

É por meio de alinhamento rigoroso que se resolve melhor o problema.

Este alinhamento não só irá proporcionar uma impressão estética agradável, como também facilitará a marcação das covas, facilitará os tratos e capinas posteriores.

A marcação das covas.

Ela pode ser feita com cordões esticados ou melhor ainda, com bambus de um determinado comprimento.

As distâncias deixadas entre as árvores.

Elas têm importância, pois influem sobre o esqueleto futuro da árvore.

Vamos exemplificar: Quando plantamos um cipreste, num campo aberto, ele vai esgalhar, lateralmente, dividir suas forças entre o tronco principalmente e os galhos grossos.

O tronco então vai bifurcar, entortar, devido a um galho lateral pesado.

Pelo contrário, uma muda plantada num lugar onde existe pouco espaço para desenvolver os galhos e os ramos laterais, vai crescer em altura.

Uma muda dessas vai concentrar a maior parte das suas forças num crescimento vertical. O tronco, lucrando a maior parte das reservas elaboradas pelas raízes, vai engrossar.

É exatamente isto que queremos!

Preferimos a qualquer outro, um pau reto, comprido, de forte diâmetro e do qual se pode tirar muitas tábuas.

Insistimos sobre o fato de ser preciso que cada cova receba mais de uma semente. Por que isso, desde que precisamos apenas uma muda por cova?

É fácil conceber, que nem toda semente germina. Há umas melhores do que outras. Ao plantar 4 ou 5 sementinhas de angico ou pinheiro, por exemplo, poderemos escolher em seguida a melhor entre as mudas saídas, eliminando as outras.

A marcação já está pronta.

Um alinhamento entre as mudas foi previsto.

Ele se observa graças a uma sucessão de estacas de bambu, com 1 metro de altura e fincadas no chão. Os meninos estão aguardando o momento de atacar a ladeira.

Vamos então repartir as tarefas.

Num CLUBE AGRICOLA (pois essa turminha é composta essencialmente de meninos, que sentem em si um desejo de conhecer a Natureza. Eles são membros ativos de um Clube dedicado às questões da Agricultura).

Num Clube Agrícola, repito, não há quem não deseje trabalhar e a todos daremos uma atividade:

Aos mais fortes e mais velhos, por exemplo, você, Pedrinho, será conveniente entregar enxadões. Trabalhar com essa ferramenta, num terreno acidentado e inculto, é bastante pesado.

Quando não há pedras, uma cova de uns 30 cms. de profundidade e de diâmetro, não é, todavia, coisa difícil.

Em seguida, tiram-se as moitas de capim em redor da cova. Com a terra agarrada às moitas e terra de superfície ao lado, enche-se de novo a cova. Desta forma, a cova contém terra fôfa, terra de superfície, que é melhor do que a terra compacta do sub-solo.

Que atividades daremos aos meninos menores?

A estes deve-se deixar o cuidado de jogarem as sementes dentro da cova e cobrirem-na com um pouquinho de terra bem pulverizada.

Se houver algum capim seco perto das covas, pode-se espalhá-lo por cima delas para proteger do sol as tenras mudinhas que vão aparecer.

Para bem indicar o lugar das covas, convém não se esquecer de fincar de novo o bambu. Este servirá mais tarde de tutor da muda.

Os membros do Clube Agrícola, poderão fazer mais alguma coisa, se forem verdadeiramente "FANS" da agricultura. O que? Vou dizer-lhes:

12. *Fazer plantações entre as fileiras das pequenas mudas...* de milho por exemplo, de fumo como acontece na Zona da Mata.

Vamos explicar: Supondo que entre as fileiras das mudas florestais, exista uma distância de 3 metros, podemos, perfeitamente, plantar 2 fileiras paralelas de milho.

Em dezembro, quando se deverá fazer as capinas no milho, as mudas florestais também aproveitarão esses tratamentos. Assim será possível numa encosta, fazer conjuntamente reflorestamento e cultivar milho, durante um, dois anos, enquanto as mudas são ainda pequenas e não fazem sombra.

Pedrinho, sem abusar da sua paciência, será que eu posso ainda lhe falar, não daquelas sementes que se põem nas covas, mas sim de mudas já grandinhas, que se usam para reflorestar? Posso? Pois bem!

Este plantio é feito por MUDAS já prontas.

É um plantio que ainda podem fazer este ano, num sábado, os sócios mais corajosos do Clube Agrícola.

Não é aquele plantio que se faz no dia 21 de setembro, "dia da árvore", como o chamam, pois as chuvas não estão ainda firmes, mas sim agora, no fim de outubro ou em novembro, quando as mudinhas facilmente pegarão.

Se eu tivesse alguma influência perto das professoras dos grupos escolares, diria o seguinte:

Consegui do prefeito, no município onde viveis, um terreno para reflorestar.

Ao Horto Florestal de Belo Horizonte, que depende da Secretaria da Agricultura e dirigido por técnicos competentes, encomendai caixas de mudas florestais. Que seja, por exemplo, caixas de eucaliptos.

Pedi as mudas, de maneira que elas vos cheguem no fim de setembro.

(Pedindo agora em novembro, ainda não é tarde).

As caixas contêm umas 60 mudas, que se vendem a 3 cruzeiros.

O frete, até a mais próxima estação de estrada de ferro, é pago por conta do governo. É muito fácil então.

Voltando às mudinhas, diremos que elas são pequenas ainda. Regadas, porém, 2 vezes ao dia e recebendo uma

adição de salitre do Chile, à razão de duas colheres por regador de 10 litros de água, em poucas semanas já estarão prontas.

Com 25 cms. para cima, já se poderá plantá-las.

Plantando as mudas de 10 caixas, em 5 ou 6 anos, conseguir-se-á um bosque de um meio milheiro de pés, contando as mudas necessárias para preencherem as covas falhas e os pés danificados pelas formigas.

Vamos ver como se processa este transplantio, das caixas para o lugar a reflorestar.

Num dia chuvoso ou nublado, levam-se as caixas com as mudas no lugar escolhido.

Enquanto houver caminho, pode-se aproximar do lugar, carregando as caixas num carrinho de mão, mais ou menos 2 caixas em cada viagem.

Não dispondo, 2 meninos podem carregar uma caixa, que pesa no máximo 15 Kgs.

Cheguemos ao lugar onde vai se realizar o transplantio. Em razão da ladeira, as caixas com as mudas ficaram no caminho. Cada menino está munido de uma colher de jardim e de um caixotinho com alça.

Supondo, como no caso anterior, feitas as covas (lembramos que para eucalipto, basta de uns 2 — 3 metros entre fileiras e entre cada muda da mesma fileira), só faltará executar o plantio.

Podemos dividir o trabalho da maneira seguinte: Um menino, com sua colher de jardim, com muito cuidado tira da caixa as mudas, uma por uma. Cada muda deve ser provida de um blocozinho de terra, agarrado às raízes.

Em seguida, ainda muito delicadamente, ele vai colocar as mudinhas com seus respectivos torrões no caixotinho de alça de cada um dos companheiros encarregados do plantio.

Cada plantador leva, do caminho para as covas, vamos supor, umas 10 mudas em cada viagem. Ao chegar no lugar da cova, munido das mudas, seus movimentos são esses:

Tirar a estaca de bambu, que localiza a cova. Fazer, exatamente no centro da cova, um buraco onde possa caber a muda com seu torrão, sem sobrar as raízes que por acaso saíam do bloco. Enfim, colocar na cova a delicada mudinha.

Ao terminar o plantio, comprimir bem a terra em redor da muda e é ainda aconselhável tirar-se a metade das folhas de que dispõe a plantinha.

Com efeito, sabe-se que a fôlha é o principal órgão pelo qual se dá a evaporação nas plantas. O interesse do plantador, é justamente evitar que a muda resseque. Tirando algumas fôlhas, diminui-se a saída da umidade, já que no decorrer da mudança, a muda certamente foi ferida ou privada de algumas de suas raízes.

Este é um bom meio para se evitar o fracasso no plantio.

Antes de voltarmos para a sede do Clube Agrícola, não nos esqueçamos de reunir tôdas as ferramentas (tantas na volta como na ida) e lancemos um último olhar para a nossa obra:

Realmente fizemos um bom trabalho!

Tôdas as mudas estão num perfeito alinhamento e cada uma ao lado do seu tutor.

Dentro em pouco, a PEQUENA não precisará mais do tutor, irá sózinha para a vida.

DANIEL ANTIPOFF

PALAVRAS DE MESTRES

O espírito da criança nos escapa com tanta presteza como o de um chefe inimigo à sábia estratégia do general. A êste como ao educador é difícil saber o que pretende e o que pensa, o que sabe e o que ignora o inimigo. E' à adivinhação e à intuição que teremos de pedir auxílio, e não à pedagogia geral e à ciência estratégica.

WILLIAM JAMES

Nossa experiência

COMO ESTIMULAR NO PRINCIPIANTE O DESEJO DE LER (EXPERIÊNCIAS DE MINHA CLASSE)

MODESTA MANOELA LOPES
PROFESSORA DO GRUPO ESCOLAR "ALEXANDRE DRUMMOND"

O ensino da leitura a principiantes é, certamente, um dos mais vitais e mais difíceis problemas com que se defronta o professor primário.

A concepção que a criança venha a formar do que seja realmente a leitura e o interesse que venha a ter por ela dependem do material que o professor escolher para as primeiras lições e do método que empregar para apresentá-lo. Daí, ser a escolha do assunto e do método de importância capital no início do aprendizado.

Hábitos corretos, certas atitudes e certas habilidades devem ser formados desde as primeiras lições. Eis porque o professor deve conhecer a psicologia da leitura e a da formação de hábitos.

Se, para maior rapidez em leitura, exige-se que apanhemos em cada relancear de olhos maior quantidade possível de palavras, desde o início devemos cuidar da formação de tal hábito. Isto se consegue, como sabemos, apresentando as palavras em sentenças.

Se na vida o tipo de leitura que mais impôrta é o da leitura silenciosa, o treino neste tipo de leitura deve ser iniciado com as primeiras lições. Não podemos esperar que uma criança de 4.º ano seja capaz de efetuar leitura silen-

ciosa correta, depois de haver estabelecido e fixado firmemente o hábito de ler tudo em voz alta.

Se desejamos garantir a eficiência da leitura dos nossos escolares, devemos ter o cuidado de intensificar, cada vez mais, o interesse por essa atividade. Isto se consegue, como dizem Pennel e Cussak, rodeando a criança de motivos estimulantes de leitura, escolhendo material sugestivo e variado, criando um ambiente de sociabilidade, aplicando, enfim, as leis do aprendizado.

Professora de uma classe de principiantes, no ano passado, tendo aplicado o método global, desde as primeiras lições, ou mesmo, antes de iniciá-las, procurei pôr em prática aquêles princípios que nos levam seguramente ao amor à leitura e à sua eficiência.

Minha experiência talvez tenha valor bastante restrito. Outras colegas terão tido como eu oportunidades idênticas, e, provavelmente, aproveitado outras que me escaparam.

Contudo, minha contribuição reveste-se da melhor boa vontade em servir à causa do ensino, problema vital da Nação.

Passo agora a expôr a maneira pela qual procurei estimular nas crianças o desejo de ler e o amor à leitura. Antes de tudo, criando um *ambiente de sociabilidade*.

Ao primeiro contacto com meus pequenos alunos, em número de 34, meninos e meninas, procurei colocá-los em posição favorável à conversação. Muitas oportunidades se nos apresentaram para conversação. Descobri que os alunos davam, como é natural, especial atenção ao dia do aniversário. Uns ganhavam festas, outros só presentes e, o que foi lamentável observar; uma pobrezinha, órfã de mãe, confessou que o pai, homem de certos defeitos, nem sequer se lembrava de um dia tão significativo.



Grupo Escolar de Conquista. — Atividades do Clube Agrícola e uma cena de História do Brasil dramatizada

Faria, pois, da minha sala de aula, uma continuação do lar. Os aniversários de todos seriam lembrados com carinho.

Um problema logo nos surgiu: como guardar 34 aniversários?

Instituímos para isso o cartaz intitulado:

"Nossos aniversários", com seus dados assim distribuídos: nomes dos meses, tendo ao lado, em ordem, os dias dos aniversários, seguidos dos nomes dos alunos.

Além do seu valor social, o cartaz foi oportuno para o estudo dos meses e sua seqüência, número de dias, etc.; e meio eficaz para fixação dos nomes dos meses e dos colegas.

Grupinhos de alunos formavam-se freqüentemente à frente do cartaz; os alunos queriam descobrir os aniversários dos companheiros, notando-se muitas vezes o interesse com que uns procuravam auxiliar os outros.

Mantive interesse permanente pelo cartaz, justamente, porque passou ser nosso objetivo a comemoração de todos os aniversários. Mesmo os ocorridos em épocas de férias seriam comemorados num só dia, no fim do ano.

Preparava-se uma surpresa ao aniversariante. Assim sendo, êle não deveria permanecer em classe, quando esta estivesse em preparativos para a festa. Seria enviado para a biblioteca, para auxiliar a diretoria em algum mistério ou mesmo seria enviado para outra classe de 1.º ano, com trabalho previamente determinado ou combinado com a professora.

Cada aluno, espontaneamente, contribuía com balas, flores, papel, etc.; poderia tomar parte no programa, bem como nas diferentes comissões que se formavam para: arranjo dos comestíveis, ornamentação da sala, asseio da mesma, transporte de material, arranjo dos móveis, etc.

A colaboração de toda a classe era necessária para a redação de convites a todas as pessoas designadas e a todas as classes do grupo; para a escolha dos que deviam fazer a cópia desses convites e finalmente para a distribuição dos mesmos.

Comissões eram organizadas para: recepção, servir os convidados, buscar o aniversariante. A cada comissão era lembrada a sua função, e, após a festa, criticada a sua atitude.

Era organizado o jornalzinho do dia, alusivo à data, com a colaboração de toda a classe, e lido pelo aluno cuja leitura tivesse sido considerada a melhor. Exemplo de um jornalzinho:

Dia 12 de Maio de 1941

"Hoje o nosso querido colega Maurício faz 7 anos. Nós estamos muito contentes.

Nós rezamos muito para êle.

Nós convidamos Vôvô Felício para a festa do Maurício. Vôvô Felício vai nos contar uma história. Nós queremos que o Maurício fique muito contente hoje.

Viva o Maurício!"

Vôvô Felício esteve de fato em nossa classe, atendendo gentilmente a uma carta que os alunos lhe escreveram, pois de há muito desejavam conhecê-lo.

Veio e lhes contou uma interessante história.

Nesse mesmo dia, o diretor Dr. Tabajara Pedroso se ofereceu para contar também uma história. Tal oferta não ficou esquecida. Em breve foi êle cientificado, por carta, de que a sua história era aguardada com muito interesse para a próxima festa.

Organizado e preparado o programa, novo problema surgiu: quem leria o programa, às vezes um tanto longo, e de cuja segurança em leitura dependia o controle dos números?

Propôs pedirmos auxílio a alunos mais adiantados de outras classes, convidados para a festa. Nossos primeiros programas passavam então a ser lidos por essas crianças.

A medida que os alunos iam ganhando independência em leitura, êles se recusavam a aceitar auxílio. Tive provas de alguns que fizeram esforço bastante grande para êles próprios se encarregarem de tal incumbência.

Em muitos programas foram incluídas dramatizações de histórias dos livros que apresentava à classe, com o fim de lhes despertar interesse pela leitura dos mesmos, em dias futuros.

Outra atividade que pôs em prática, aproveitando ainda a comemoração natalícia, foi a confecção de cartõezinhos desenhados pelas crianças, para oferta aos aniversariantes. A motivação não foi difícil: uma própria aluna, poucos dias antes, havia oferecido a uma colega um bonito desenho, à maneira de quadrinho, para decoração de parede.

Além do desenho, feito na 1.^a página, os alunos escreviam pequena dedicatória, na 2.^a página. Como exemplo, apresento abaixo uma dessas dedicatórias:

Querido colega Edson.

Hoje é dia de seus anos.

Eu rezei muito para você.

Eu fiz êste desenho para você.

Quero que você se lembre sempre de mim.

Guarde êste desenho toda a vida.

Muitos abraços do colega

José.

Como vimos, além da leitura feita pela classe, os cartõezinhos despertavam no aniversariante o desejo de saber o sentido do que ali estava escrito. Os valores destas atividades foram inúmeros, considerando-se as diversas matérias que envolviam.

Objetarão talvez que eu tenha dedicado muito tempo a tais atividades. Creiam, entretanto, que a recompensa foi maior que a dívida. Ao lado dos valores relativos às outras matérias, essas atividades contribuíram para alcançar os objetivos de leitura que eu tinha em vista e constituíram meio eficaz para o desenvolvimento social dos meus alunos, tornando-os muito amigos e estreitando mais as relações entre a família e a escola. Várias vezes, as próprias famílias enviavam-nos qualquer coisa para tornar mais alegre e acolher-

dor o ambiente escolar. Chegamos mesmo a receber membros de algumas famílias, os quais, ao apêlo dos próprios alunos, vinham acompanhar de perto a alegria dos seus.

Estas atividades deram ensejo a muitas leituras, e, o que é importante, as crianças sentiram o valor dessas leituras em situações reais.

Folhinha

Para a sua confecção gastei um quarto de cartolina, cantoneiras, dessas que são usadas em álbuns de retratos; blocos grandes de folhinha, cujos números foram colados na cartolina; fichas com os nomes dos meses do ano e dos dias da semana; gravuras sugestivas para serem renovadas semanalmente ou mensalmente.

As fichas eram móveis, sendo prêsas pelas cantoneiras. Para evitar a perda dessas fichas, fiz dois cartazes complementares: um, para os dias da semana; outro, para os dias do mês. As fichas eram dispostas à maneira de encaixe, estando assim sempre à vista das crianças.

O uso da folhinha (está clara a sua aplicação prática) levava o aluno a sentir a necessidade de fixar tôdas aquelas palavras e números.

Dicionário ilustrado

Organizado de modo prático e simples, teve, também, em sua confecção, o auxílio da classe. Foi feito de fôlhas de papel de embrulho, superpostas à maneira de bloco, com possibilidade de enriquecimento em suas diferentes seções, conforme o material trazido por mim ou pelas crianças.

A gravura era colada de um lado da página, e em seguida era escrito o nome correspondente à gravura. As crianças consultavam o dicionário para cópia de palavras em suas horas de composição de historietas e sentenças.

A identificação era feita por meio da gravura.

Oferecia o nosso dicionário oportunidade para enriquecimento do vocabulário e para correção de certos defeitos de linguagem, palavras viciadas, por exemplo.

Aulas de religião

Era comum, após uma aula de religião, pregar à parede um cartaz comum com uma cena desenhada esquemáticamente ou uma gravura, tendo abaixo pequena história. Em breve, grupos ali se formavam na ânsia de saber o que estaria ali escrito.

A princípio eu os satisfazia, fazendo eu própria a leitura. Mais tarde, eles faziam questão de ver qual deles conseguiria ler tudo.

Passo a ler uma história que escrevi sobre uma gravura do Menino Jesus. Era meu objetivo, então, incentivar em meus alunos o amor à humildade, à obediência.

Jesus em Nazaré

Plaf... Plaf... Plaf...

Quem anda assim de mansinho?

Quem carrega a água tão contente e caladinho?

Ele deixou o brinquedo sem se zangar.

Ele ouviu logo a mamãe e a veio ajudar.

Quem será êsse menino?

Ninguém precisa falar...

E' Você, Menino Jesus!

Cantinho das novidades

Havia na classe uma parte de um dos quadro-negros chamada — cantinho das novidades. Aí era afixado todo o material que pudesse interessar à classe, como: gravuras, historietas ilustradas, os melhores trabalhos da classe, notícias diversas. Oferecia o cantinho ensejo a leituras constantes.

Diário de classe

As passagens mais interessantes da nossa vida escolar eram confiadas ao nosso diário. Os alunos levavam-no para casa e, sempre que possível, liam-no para os seus. Eram re-

digidos, ou melhor, era redigido com colaboração de toda a classe, escrito no quadro, lido por alguns e finalmente copiado por todos.

Aqui vai uma página do nosso diário.

Dia

Ontem o nosso colega Jarci fez anos.

Nós oferecemos uma bonita festa para êle.

Nós dramatizamos a história de D. Baratinha.

A Maria das Dores ficou uma D. Baratinha muito engraçada.

O Dr. Tabajara contou a história do grão de feijão.

Foi muito bonita essa história.

Nós oferecemos um desenho ao Jarci.

Jarci ficou muito contente.

Biblioteca de classe

Havia na classe uma estante reservada á exposição de: *Histórias ilustradas*, escritas por mim, pelas crianças ou por estranhos. *Livros de estampas*, arrançados por mim ou pelas crianças. *Livros de histórias*, trazidos espontaneamente pelas crianças.

Este último material contribuiu muitíssimo para despertar o gosto pela leitura. Muitas vezes, para atender á insistência das crianças, reservava parte das minhas horas da semana á leitura dos livros que traziam de casa.

Jogos

Outro material que empreguei, foram os jogos. Do próprio material de histórias mudas fiz algumas adaptações para leitura silenciosa, sob a forma de jogos.

Abaixo de cada cena fiz um arranjo á maneira de envelope, com possibilidade de encaixar uma ficha escrita. Estando o aluno em período de independência de leitura, êle mesmo, de acôrdo com a ação da gravura, colocava as fichas correspondentes. Em caso contrário, despertava-se no aluno o interesse por conhecer o conteúdo dessas fichas.

O cartaz e o quadro-negro

Era meu hábito dizer aos alunos: Tenho na sala dois empregadinhos muito obedientes. Servem-me com muita presteza, dão recados direitinhos; mas somente os que sabem ler poderão fazer o que êles pedem, em meu nome. São êles: *o quadro-negro e o cartaz de ordens*.

Cartaz de ordens — Pregado á parede, lá estava sempre sustentando uma série de fichas encaixadas, contendo várias ordens, a saber:

Vamos lavar as mãos.

Vamos merendar.

Vamos buscar as toalhas.

Vamos para a aula de canto.

Agora vamos para a roda de cadeirinhas.

Vamos descansar.

Etc.

Em vez de dar a ordem oralmente, retirava a ficha do cartaz e observava a reação da classe.

Ordens no quadro-negro — Quase diariamente, na entrada, os alunos encontravam no quadro-negro uma ordem a cumprir.

O quadro-negro sempre tinha uma recomendação para os seus amiguinhos: buscar o livro de chamada no gabinete; pôr água na jarra; arrumar as cadeirinhas em roda; trazer um objeto; consentar as toalhas no cabide; ver se havia água no filtro, etc., etc.

Exemplo de uma dessas ordens:

— Edson, procure a servente D. Francisca e diga-lhe que preciso falar-lhe. A principio, os alunos ficavam sem saber o que fazer. Apenas identificavam seus próprios nomes, os dos colegas e o da diretora. Várias vezes até recorremos ao auxilio de alguns alunos do 2.º ano.

Era de se ver a alegria com que, á custa do exercício constante, as crianças se recusavam a recorrer á êsse auxí-

lio, pois queriam elas mesmas penetrar no sentido ali expresso.

Com relação a este material, fui realmente feliz, pois a classe tomou tanto interesse por ele que o tempo era pouco para atender a tantos pedidos. Aproveitei então esse interesse, introduzindo variados jogos, sob a forma de ordens a cumprir, exercício que muito contribuiu para o desenvolvimento da leitura silenciosa, além de fornecer oportunidade para apresentação de vocábulos novos e repetição de palavras já estudadas.

Para finalizar, qual o resultado do meu trabalho?

Procurando interessar minhas crianças na formação das conexões indispensáveis à leitura, propus-me rodé-las dos motivos estimulantes que acabo de expor. Penso ter alcançado tal objetivo, pois minha classe, que no fim do ano contava apenas 30 alunos, logrou promoção satisfatória. Poderia ter sido maior o número de promovidos se não ocorressem alguns casos de moléstias prolongadas e outros de crianças um tanto deslocadas em minha classe, do tipo B², cuja frequência não foi muito regular.

Minha classe era constituída, em sua maioria, de crianças do tipo B¹, tendo alguns tipos A e B². Classe heterogênea, como se vê, quanto à sua composição, e de modo geral inferior, quanto ao meio social.

Foram promovidos 20 alunos, tendo perdido pouco antes 2 alunos de promoção certa: um por viagem e outro por transferência de residência.

E' com prazer que venho acompanhando essas crianças, sendo bastante animadores o interesse que demonstram pela leitura e a regularidade com que prosseguem vencendo as diversas etapas ou períodos dessa disciplina.

MÓDESTA MANOELA LOPES

Da diversidade dos universos

Ed. CLAPAREDE

Não é de cosmologia, nem de ontologia que trataremos aqui. Não falaremos senão do universo que trazemos em nós. Ele não é o mesmo para todos, como o é o universo do físico, ou o do metafísico, que ambicionam dar-nos, ao natural, um retrato da realidade. Para o psicólogo, o número de âmbiversos equivale ao número de "eus", de seres que percebem, sentem ou pensam.

A diversidade destes universos tem, primariamente, sua origem, na diversidade dos órgãos dos sentidos. Assim, podemos estar certos de que o mundo não aparece do mesmo modo aos animais e a nós. Nosso universo é, principalmente, visual. Que vêem eles? Sabemos muito pouco da visão dos animais, mesmo daqueles que vivem mais perto do homem, como os cães, os gatos, os cavalos. Que percebe um cavalo? Qual a acuidade de sua retina? Que verá ele nesse pacífico lenço branco secando ao sol, para se assustar tanto? Porque motivo um cão, que reconhece no fonógrafo "his master's voice", incapaz de reconhecer seu retrato?

Seguramente o universo dos mamíferos, excetuando os macacos, é um universo olfativo. Provavelmente também o é o universo dos insetos. Augusto Forel falava do "espaço olfativo" das formigas. Um espaço olfativo! Eis uma coisa impossível de se integrar em nosso universo e que escapará sempre à nossa geometria.

Se passarmos aos pássaros, as coisas se complicarão ainda. Neles, a vista parece predominar sobre o olfato. Mas a maioria não tem visão binocular e não se conhece concebe como possam eles apreciar com tanta precisão a distância e o relêvo. Ao contrário, alguns, como as aves de ra-

pina e as andorinhas, possuem em cada retina 2 centros de visão distintos, um para a visão binocular, outro para a visão monolateral: podem, pois, *fixar* com o olhar, 3 pontos ao mesmo tempo.

Em relação às cores, como deve variar o mundo, de uma classe de animais a outra! Os elementos da retina das tartarugas, dos lagartos, dos pássaros contém gotículas oleosas coloridas em alaranjado, em verde, em vermelho rubi... Que esplêndido mosaico policrômico deve figurar para eles o mundo ambiente! Mas como poderão distinguir neles tão bem os objetos?

— Mas ainda que nossos sentidos, são nossos sentimentos, nossas necessidades, nossos interesses, nosso temperamento, que desenham a imagem de cada um de nossos universos. Um cego e um surdo, professando as mesmas opiniões religiosas ou políticas, terão universos bem mais semelhantes, que 2 videntes, um conservador, o outro revolucionário. E' o que o mundo exterior não se reflete em nosso espírito como em um espelho! Ou nosso espírito, é um espelho essencialmente deformante, cujas desfigurações variam para cada indivíduo.

Pois que um objeto não existe para nós senão na medida em que nos importa; cada universo é, assim, o resultado de uma seleção individual. E é por isto que não vemos todos a mesma coisa. Na rua, uma senhora elegante não vê as lojas que prendem a atenção de um agricultor ou de um arquiteto.

Dêsse modo, o universo da criança não é o mesmo do adulto, e o universo do operário difere do universo do patrão. Cada filósofo professa uma "Weltanschauung" que não é mais (como seu nome o indica) que sua própria visão do universo, dependendo, ela própria, do seu temperamento. O primitivo povoa o mundo de potências ocultas e percebe, onde não vemos senão uma pedra ou a chuva, manifestações tênues ou benfazejas. No simples sorriso de um transeunte, o maníaco lerá a zombaria, o eufórico, a bondade.

O universo do automobilista não se assemelha em nada ao do pedestre; e podemos notá-lo perfeitamente, conforme andamos de carros ou a pé. No universo do chofer, o pedestre aparece como um obstáculo insuportável; no do pedestre, o chofer não é mais que um perigo constante. E cada qual tem o sentimento de que é o outro quem viola as regras elementares do melhor dos universos possíveis: para o pedestre, um universo onde se possa, não importa onde, flunar com as mãos no bolso; para o chofer, um universo onde se possa, não importa onde, fazer 120 quilômetros à hora.

E depois, aos universos pessoais, se superpõem os universos nacionais...

A maior parte dos desentendimentos e dos conflitos entre os homens provém de que eles não vivem o mesmo universo. Galileu foi perseguido porque, em seu universo, a terra rodava, enquanto estava imóvel no dos inquisidores do santo-ofício. E' que cada um se apega ao seu universo e o vigia ciumentamente. Não permite que um outro o corte. Isto se compreende, pois nosso universo é obra do nosso "eu", não é outra coisa senão a projeção do nosso eu. Instintivamente defendemos a sua integridade como defenderíamos a nossa. A luta pelo nosso universo pessoal não é senão um aspecto da luta pela existência. E nós não duvidamos disto! Credo que nosso universo é a expressão da própria realidade, estamos convencidos, defendendo-o, de defender a verdade objetiva e a justiça absoluta.

E aí é que se acha o perigo.

Os conflitos, dizia eu, provém da diversidade dos universos. Provém principalmente do fato de se desconhecer esta diversidade, de se desconhecer o caráter subjetivo desses universos. Provém de que cada qual julga a conduta do outro situando-a em seu próprio universo, em lugar de recolocá-la no universo particular de que faz parte integrante e do qual não pode ser tirada sem que se lhe altere completamente a significação original. E' evidente que, se considero meu universo igual ao dos outros, olharei como

pessoa de má fé quem me afirmar uma coisa que não se enquadre nêle!

Não haverá paz entre os homens enquanto êles não tiverem tomado consciência da diversidade de seus universos. E' que, para julgar outra pessoa não só caridosamente, mas com equidade, é preciso começar por procurar compreender suas reações, isto é, por penetrar seu universo, pois suas reações são função dêsse universo.

E' esta a bela missão do advogado: entreabrir aos juizes a porta do universo daquele que vai ser por êles julgado. Ele lhes diz: não julgueis pensando no que teríeis feito, vós, se tivésseis estado na mesma situação; mas no que teríeis feito, se tivésseis possuído o mesmo universo.

E' esta, também, a função do embaixador: estabelecer, entre os universos de 2 Países, o traço de união necessário; fazer cada um penetrar o "climat" do outro.

E eu me pergunto se, nestes conflitos entre nações, que são como uma moléstia crônica de nossa vida planetária, não se poderia, como nos tribunais, recorrer ao sistema dos advogados. Podeis imaginar o Sr. Paul Boncour pleiteando a causa da Alemanha, mostrando o aspecto que tomam necessariamente certos problemas quando são vistos de Berlim, e o Sr. Von Neurath defendendo a causa oposta e desenhando a situação tal como aparece no universo dos franceses? Isto não deixaria de ter sua grandeza...

Quer se trata da vida social, da vida nacional, ou da vida internacional, tomar consciência da diversidade de nossos universos é, senão suprimir os conflitos, pelos menos pre-para do melhor modo possível sua solução pacífica.

(Publicado no "Journal de Genève").

PALAVRAS DE MESTRES

Todo objeto destituído de interesse próprio pode recebê-lo de um outro que o possua, graças às associações de idéias que entre êles se estabeleçam.

WILLIAM JAMES